

# adf

AFRICA DEFENSE JOURNAL

## SEGURANÇA HOLÍSTICA

Forças de Segurança  
Procuram Soluções de  
Desafios Complexos Além  
do Campo de Batalha

Combatendo a  
Ameaça da IA

Crescimento  
Urbano Testa  
a Segurança

### PLUS

Uma Conversa com o Major-General Fructueux Gbaguidi,  
Chefe do Estado-Maior da Defesa do Benin

VISITE-NOS EM [ADF-MAGAZINE.COM](http://ADF-MAGAZINE.COM)





## reportagens

### 8 Segurança Centrada no Cidadão

Através de formação e colaboração, as forças armadas estão a transformar-se em protectoras do povo

### 14 'Uso da Força Continua a ser o Último Recurso'

Uma conversa com o Major-General Fructueux Gbaguidi, Chefe do Estado-Maior da Defesa do Benin

### 20 Mantendo a Linha

A Operação Mirador do Benin visa repelir uma série de ataques ao longo da sua fronteira norte

### 26 Ameaças na Máquina

Grupos terroristas estão a utilizar a inteligência artificial para recrutamento e envio de mensagens; o próximo passo pode ser a sua utilização como arma

### 34 Carregados de Perigo

Os depósitos de armas podem representar ameaças catastróficas para os civis, a menos que as autoridades apliquem medidas de segurança e protecção

### 40 Lições Aprendidas da Forma mais Difícil

Um ex-soldado da força de paz do Djibouti partilha lições aprendidas durante um destacamento na Missão da União Africana na Somália

### 46 Segurança Testada à Medida Que as Cidades Crescem

Áreas urbanas de África encontram dificuldades para acompanhar a maior explosão demográfica do mundo

### 50 Tragédia na Mira

A tecnologia de drones oferece possibilidades no combate ao terrorismo, mas requer medidas de segurança e supervisão

# colunas

**4** Pontos de Vista

**5** Perspectiva Africana

**6** África Hoje

**32** Batimento Cardíaco Africano

**56** Ferramentas da Profissão

**58** Força Futura

**60** Defesa e Segurança

**62** Manutenção da Paz

**64** Trabalho em Equipa

**66** Retrospectiva

**67** Onde Estou?



**A Africa Defense Forum  
está disponível online**

Visite-nos em [adf-magazine.com](http://adf-magazine.com)

32



## **NA CAPA**

Membros das Forças de Defesa do Quênia prestam homenagem durante uma cerimónia memorial ao Chefe do Estado-Maior da Defesa e a outros nove oficiais que morreram num acidente de helicóptero em Abril de 2024.

AFP/GETTY IMAGES

O que é segurança? Pode significar acesso a alimentos, abrigo, cuidados de saúde, estabilidade económica ou protecção contra a violência. Muitas vezes, significa tudo isso.

Cada vez mais, as forças armadas estão a adoptar uma abordagem holística à prestação de segurança. Eles sabem que a sua principal responsabilidade é proteger os cidadãos do país, mas isso raramente pode ser feito apenas por meios militares. Mais, muitas vezes, problemas complexos exigem uma resposta que aborde as causas profundas da insegurança.

Na África Ocidental, por exemplo, os países costeiros enfrentam uma ameaça crescente de grupos terroristas baseados no Sahel. Esses grupos estão determinados a expandir-se para o sul e formar um califado que atravesse as fronteiras.

Em muitos países costeiros, os grupos terroristas têm como alvo regiões subdesenvolvidas com pouca presença do Estado. Os terroristas aproveitam-se disso oferecendo empregos e serviços e pregando uma ideologia que atinja as queixas locais.

Em resposta, as forças armadas reconheceram que a garantia da segurança deve incluir a construção de confiança com os civis. No Benin, as forças armadas lançaram comissões civis-militares que promovem o diálogo e realizam eventos como clínicas veterinárias e de saúde. A divulgação faz parte de uma estratégia nacional mais ampla que inclui a prestação de serviços estatais, investimento na região e uma maior presença militar para enfrentar os terroristas. Esforços semelhantes estão em curso na Costa do Marfim, no Gana e no Togo. O objectivo é construir resiliência nessas comunidades fronteiriças para que elas não sejam mais vulneráveis ao recrutamento terrorista.

Essa é apenas uma das formas pelas quais as forças armadas estão a ampliar o âmbito das suas actividades. No Senegal, as Forças Armadas entraram em acção durante as inundações históricas de 2024 para evacuar pessoas, fornecer apoio logístico e distribuir ajuda humanitária. As Forças de Defesa do Quênia estão a impedir o roubo de gado e a acabar com o comércio ilegal de armas que alimenta a violência intercomunitária. Na Mauritânia, soldados da Guarda Nacional que montam camelos, conhecidos como Meharistes, visitam comunidades isoladas e fornecem tudo, desde água potável a cuidados médicos.

A segurança holística não pode ser uma estratégia exclusivamente militar. A experiência mostra que, quando as forças de segurança fazem parte de um esforço de todo o governo e de toda a sociedade, os resultados são melhores. Ao ver a insegurança na perspectiva das pessoas que servem, os governos, os grupos da sociedade civil e os profissionais militares podem oferecer resultados eficazes e duradouros.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Soldados senegaleses montam um hospital móvel em Bakel, uma área afectada pelas inundações em 2024.

DIRPA



## Segurança Holística

### Volume 18, 4º Trimestre

COMANDO AFRICANO  
DOS ESTADOS UNIDOS



#### CONTACTOS:

##### U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum  
Unit 29951  
APO-AE 09751 USA

[ADF.Editor@ADF-Magazine.com](mailto:ADF.Editor@ADF-Magazine.com)

##### HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum  
Geb 3315, Zimmer 53  
Plieninger Strasse 289  
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.



# ‘Reforçar a Segurança Africana, Sustentando a Unidade de Esforços’

*O General Charles Muriu Kahariri, chefe das forças de defesa do Quênia, fez o discurso de abertura na Conferência dos Chefes de Defesa Africanos de 2025, em Nairobi, no dia 28 de Maio. Durante a conferência, altos oficiais militares de toda a África discutiram o combate às ameaças transnacionais, o fortalecimento de parcerias e a partilha de conhecimentos. Os seus comentários foram editados por questões de extensão e clareza.*



Para nós, membros da comunidade de defesa, a Conferência dos Chefes de Defesa Africanos passou

a representar muito mais do que uma conferência. É um fórum que nos permite alinhar o pensamento estratégico, fortalecer a nossa postura colectiva e reforçar a unidade que sustenta a segurança continental. A sua crescente relevância reflecte um reconhecimento comum de que os nossos desafios de segurança e as suas soluções estão interligados.

A nossa presença aqui hoje reafirma esta visão partilhada, uma visão de uma África segura, resiliente e confiante na sua capacidade de moldar o seu próprio futuro. A conferência deste ano reúne-se num momento em que o ambiente de segurança regional e global está a tornar-se cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo.

Hoje, as nossas forças armadas têm de lidar com ameaças tradicionais e não tradicionais, que são exacerbadas pela proliferação da tecnologia. O ambiente de segurança prevalecente e o fácil acesso a armas sofisticadas geram actores não estatais encorajados que desafiam activamente as forças governamentais através da aplicação de estratégias e táticas assimétricas.

Isso leva a conflitos prolongados, tornando a nossa região e o mundo em geral, mais inseguros.

As ameaças contemporâneas à segurança em África incluem conflitos armados internos internacionalizados, terrorismo, ameaças à segurança

cibernética e uma miríade de ameaças marítimas. Elas exigem estratégias abrangentes que abordem não apenas as ameaças imediatas, mas também os factores políticos, económicos e sociais subjacentes que contribuem para a instabilidade em todo o continente.

Nas circunstâncias actuais, nenhuma agência governamental ou Estado pode mitigar eficazmente as ameaças, porque elas são transversais e transnacionais. Portanto, o tema desta conferência, “Reforçar a Segurança Africana, Sustentando a Unidade de Esforços,” aborda directamente o panorama actual e futuro da defesa em África. Ele coloca em foco os imperativos estratégicos fundamentais que definem o nosso tempo e sublinha os facilitadores estruturais de forças armadas eficazes, que incluem o avanço tecnológico, o capital humano profissional, as parcerias institucionais sob a forma de operações multiagências, as parcerias internacionais e as relações civis-militares prósperas.

Estes conceitos reflectem as realidades vividas pelas nossas respectivas nações e as aspirações dos nossos povos. Desafiam-nos a evoluir, a integrar-nos de forma mais eficaz entre as instituições governamentais, bem como entre os Estados e as regiões, e a garantir que as nossas forças armadas continuem a ser guardiãs da integridade territorial, da estabilidade, da dignidade e do progresso dos nossos povos.

Embora os países africanos tenham envidado esforços para desenvolver as suas forças armadas individuais, é

O Brigadeiro-General Abdelkrim Nejjar, de Marrocos, à esquerda, conversa com o Tenente-General David Kimaiyo Chemwaina Tarus, do Quênia, na Conferência dos Chefes de Defesa Africanos de 2025, em Nairobi.

LIBBY WEILER/RELAÇÕES PÚBLICAS DO COMANDO DOS EUA PARA ÁFRICA

necessário fazer mais para integrar as forças, de modo a garantir operações de segurança bilaterais e multilaterais eficazes, a fim de proteger o continente em geral. As áreas-chave que precisam de ser abordadas incluem o desenvolvimento de quadros de partilha de informações; a normalização da formação, do equipamento e das doutrinas operacionais; a mobilização de recursos para mitigar as disparidades e otimizar as capacidades; bem como o desenvolvimento de estratégias abrangentes para combater as ameaças cibernéticas e outras ameaças emergentes.

Como co-anfitriã, as Forças de Defesa do Quênia estão profundamente empenhadas em apoiar um envolvimento construtivo durante esta conferência e para além dela, a fim de enfrentar os desafios identificados.

Consideramos este encontro uma oportunidade para refinar a nossa visão comum, renovar as nossas parcerias estratégicas e inspirar inovações que perdurarão após esta conferência.

Por isso, exorto todos nós a aproveitar esta oportunidade para fortalecer a nossa determinação comum e elevar o papel das nossas instituições de defesa na promoção da paz, resiliência e prosperidade em toda a África.



## Especialistas Instam a CEDEAO e a Aliança do Sahel A COLABORAR NA LUTA CONTRA O TERRORISMO

EQUIPA DA ADF

**A** saída de três países do Sahel da CEDEAO em Janeiro de 2025 prejudicou os esforços de combate ao terrorismo. Para restaurar esse trabalho, será necessário superar a desconfiança entre os países e os seus vizinhos, segundo especialistas.

Um ponto de partida nessa jornada, segundo o analista Eric Tevoedjre, do Benin, pode ser um novo acordo diplomático entre a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental e o Burquina Faso, o Mali e o Níger, que agora operam como a Aliança dos Estados do Sahel (AES).

“Manter boas relações com os Estados da AES é um imperativo estratégico para a CEDEAO,” Tevoedjre escreveu para o site Development and Cooperation. “A oferta de reconhecimento diplomático pode melhorar significativamente a situação.”

Grupos militares nas três nações do Sahel derrubaram os seus governos democraticamente eleitos, começando com um golpe no Mali em 2021. Em 2024, os líderes dos três países anunciaram que formariam o seu próprio pacto de defesa mútua. Os líderes da aliança militar comprometeram-se a derrotar os terroristas. Até agora, têm tido um desempenho pior do que os seus antecessores e, de acordo com o Índice Global de Terrorismo, a região lidera agora o mundo em termos de terrorismo.

O terrorismo ao longo das fronteiras porosas da região ameaça a segurança dos Estados costeiros, particularmente ao longo do complexo do parque natural W-Arly-Pendjari, que se estende do Níger e ao Benin.

“A desconfiança entre as duas organizações [CEDEAO e AES] impede a partilha de informações vitais e a coordenação de operações militares para impedir que certos territórios sejam usados como zonas de recuo,” a analista Jeannine Ella Abatan escreveu para o Instituto de Estudos de Segurança, em Março de 2025.

Algumas semanas antes dos países da AES se separarem da CEDEAO, o Jama’at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) matou 30 soldados beninenses numa base perto da fronteira com o Burquina Faso e o Níger.

Em Abril de 2025, combatentes do JNIM mataram pelo menos 54 agentes de segurança perto do Parque Nacional W. Nesse mesmo mês, militantes do JNIM lançaram o seu primeiro ataque com drones kamikaze contra as forças armadas do Togo, na região norte de Savanes.

O JNIM procura criar bases nos Estados costeiros a partir das quais possa lançar ataques contra o Burquina Faso. “A falta de coordenação antiterrorista entre o Benin e os seus vizinhos burquinenses e nigerinos provavelmente cria lacunas de segurança e facilita as ofensivas do JNIM,” Liam Karr escreveu para a página da internet Critical Threats.

“Como a CEDEAO e a AES não financiarão iniciativas antiterroristas em conjunto, os seus projectos individuais provavelmente serão muito menos eficazes ou simplesmente não serão realizados devido aos custos iniciais proibitivos,” os analistas Michael Howard e Ethan Czaja escreveram na revista Small Wars Journal.

Na cimeira dos Chefes de Defesa Africanos de 2025, em Nairobi, Quénia, os principais líderes militares enfatizaram repetidamente a necessidade de melhorar os esforços de segurança colectiva em áreas como a África Ocidental.

Para esse fim, a CEDEAO e a AES devem colaborar na luta contra a ameaça comum do terrorismo, escreveu Tevoedjre. “O reconhecimento político marcaria o início de uma nova era e abriria caminho para uma cooperação africana autodeterminada, em vez de confronto.”

Gendarmes togolezes participam num exercício de combate ao terrorismo no Centro de Formação em Operações de Manutenção da Paz de Lomé.

AFP/GETTY IMAGES



# SOLDADOS NIGERIANOS Matam 2 Líderes do ISWAP

EQUIPA DA ADF

**S**oldados nigerianos mataram dois líderes do Estado Islâmico da Província da África Ocidental (ISWAP) em duas semanas, em Maio e Junho de 2025, como parte da Operação Hadin Kai, que está a ser levada a cabo pelo Exército.

No dia 30 de Maio de 2025, oficiais do Exército confirmaram a morte de Amir Abu Fatima, um dos terroristas mais procurados da Nigéria. Soldados mataram Fatima e dois dos seus principais tenentes na aldeia de Aleru, no Estado de Borno, de acordo com o Premium Times. As autoridades afirmaram que ele foi capturado vivo, mas logo sangrou até à morte, devido aos ferimentos sofridos num tiroteio. Fatima era suspeito de coordenar os ataques do ISWAP no norte de Borno.

As forças nigerianas recuperaram espingardas AK-47, carregadores, munições e materiais para fabricar dispositivos explosivos improvisados sem sofrerem baixas, informou o Exército.

No dia 9 de Junho, as forças da Operação Hadin Kai lançaram uma operação coordenada aérea e terrestre na área do governo local

de Gujba, no Estado de Borno. A operação matou o comandante do ISWAP, Ameer Malam Jidda, e dezenas de seus combatentes, informou o Premium Times.

“Malam Jidda, identificado como o Ameer das aldeias de Ngorgore e Malumti, encontrou o seu fim durante um confronto violento com as tropas, que dominaram os terroristas com poder de fogo superior,” de acordo com um comunicado de Reuben Kovangiya, vice-director interino de Relações Públicas do Exército no Quartel-General do Comando Teatral.

A declaração relata que alguns terroristas escaparam com ferimentos de bala e outros foram neutralizados quando as tropas realizaram uma operação de emboscada durante

uma operação de acompanhamento no Triângulo de Tombuctu, informou o Premium Times.

A Operação Hadin Kai é o esforço antiterrorista em curso na Nigéria, que começou em Abril de 2021, quando substituiu a Operação Lafiya Dole, que durou seis anos.



Soldados nigerianos que servem na Operação Hadin Kai aguardam a visita do presidente Bola Tinubu em Maiduguri, em 2023.

AFP/GETTY IMAGES

## CENTROS DE EXCELÊNCIA OFERECEM ESPAÇO PARA ESTUDAR OS DESAFIOS DE SEGURANÇA

EQUIPA DA ADF

**P**ergunte a especialistas por soluções para os muitos desafios de segurança de África, e muitos provavelmente pedirão mais cooperação, treinamento e profissionalismo para as forças armadas. O caminho para esse objectivo passa por um dos muitos centros de excelência do continente.

Nos últimos 25 anos, África assistiu a uma explosão de instituições destinadas a ajudar os líderes militares a compreender e responder a questões-chave de segurança, tais como inteligência artificial, combate ao terrorismo, segurança marítima e capacitação de suboficiais.

Os centros são concebidos para desenvolver liderança, conhecimentos especializados e melhores práticas em áreas específicas. Alguns, como a Organização de Cooperação dos Chefes de Polícia da África Oriental, passaram décadas a ajudar os membros a colaborar. Outros, como a Unidade de Investigação de Inteligência Artificial da Defesa da África do Sul, criada em 2024, estudam as implicações militares da IA.

“O profissionalismo é muito importante,” o Major-General Davidson Forleh, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, disse à ADF durante a Conferência Africana de Chefes de Defesa de 2025, em Nairobi, Quênia. “No passado, os militares eram vistos como uma espécie de bestas.”

A Libéria reformou as suas forças armadas após as guerras civis da década de 1990, contando com o tipo de formação disponível em instituições como o Centro de Combate ao Terrorismo da União Africana e o Centro Internacional de Formação de Manutenção da Paz Kofi Annan para construir um exército profissional.

“Quer se trate de terrorismo, segurança marítima,

Os centros de excelência estão a desenvolver conhecimentos militares especializados para enfrentar alguns dos desafios de segurança mais difíceis do continente.

SARGENTO KYLEJIAN FRANCA/  
EXÉRCITO DOS EUA



reforço das missões africanas de manutenção da paz ou outras questões, muitas das soluções destes desafios de segurança nacional exigem respostas que vão além das acções cinéticas,” Catherine Lena Kelly, especialista em democratização e governação, no Centro de Estudos Estratégicos de África, disse à ADF.

Os centros de excelência complementam o trabalho das academias militares e das universidades de defesa, proporcionando aos líderes um espaço para partilhar ideias com colegas que enfrentam as mesmas questões, afirmou Kelly. Os especialistas civis trazem uma perspectiva sobre os problemas e as soluções impulsionadas pela investigação académica.

Forleh disse que as relações que os líderes constroem enquanto frequentam um centro de excelência, muitas vezes, traduzem-se numa melhor cooperação entre nações e forças armadas no mundo real. Ele citou o trabalho da Libéria com a Costa do Marfim e a Serra Leoa para patrulhar o oeste do Golfo da Guiné.

Acima de tudo, os centros de excelência expandem o crescente profissionalismo das forças armadas em toda a África, numa altura em que as lições aprendidas pelos líderes de alto escalão se espalham pelas fileiras, disse Kelly.



ILUSTRAÇÃO DA ADF



# SEGURANÇA

## CENTRADA NO CIDADÃO

Através de Formação e Colaboração, as Forças Armadas estão a Transformar-se em Protectoras do Povo

EQUIPA DA ADF

Quando inundações mortais assolaram Gaborone, no Botswana, em Fevereiro de 2025, a Força de Defesa do Botswana entrou em acção, trabalhando em conjunto com agências governamentais e organizações não-governamentais para proteger os residentes da cidade e restaurar a ordem.

Os soldados empregaram os seus conhecimentos em busca e salvamento, evacuação médica e logística para apoiar os seus compatriotas civis durante o desastre natural.

Para o Major-General Molefi Seikano, a resposta foi um modelo para as relações civis-militares entre os países africanos.

“Isso mostrou as forças armadas como uma força de estabilidade,” Seikano disse à ADF na Conferência de Chefes de Defesa Africanos (ACHOD) de 2025, onde as relações civis-militares foram um tema de discussão.

Em todo o continente, as forças armadas estão a melhorar as suas comunicações e relações com líderes civis e cidadãos. Um número crescente de líderes militares tem-se envolvido activamente na transformação das suas forças armadas em organizações que protegem e apoiam os seus concidadãos.

“Houve uma transformação dramática no treino, no desenvolvimento de competências e na expansão da capacidade institucional e operacional das forças armadas africanas em relação ao que eram anteriormente,” o investigador Dr. Moses Khisa disse à ADF. Khisa é investigador associado do Centro de Investigação Básica de Kampala, Uganda, e escreve uma coluna semanal para o jornal Daily Monitor do Uganda. De acordo com Khisa e o seu parceiro de investigação, Christopher Day, as sociedades africanas

enfrentam o desafio de estabelecer protecção tanto pelas forças armadas como contra as forças armadas. Fazem isso através da criação de instituições que prestam contas aos líderes civis.

“Este é o verdadeiro cerne do dilema civil-militar em África,” escreveram Day e Khisa no seu livro de 2022, “Rethinking Civil-Military Relations in Africa (Repensando as relações civis-militares em África).”



Quando inundações repentinas atingiram Gaborone, no Botswana, os membros da Força de Defesa do Botswana foram destacados para ajudar as autoridades civis e grupos não-governamentais a evacuar vítimas, recuperar veículos e entregar ajuda humanitária. REUTERS

A solução, segundo eles, não é necessariamente a mesma para todos os países. Alguns, como o Gana ou a África do Sul, podem optar por um sistema que mantenha as forças armadas separadas da esfera política, enquanto outros, como o Ruanda e o Uganda, podem aproximar tanto as duas instituições que elas ficam praticamente interligadas.

Independentemente de como as relações civis-militares se desenvolvem, as forças armadas



Membros da Força de Defesa do Malawi juntaram-se a civis para recuperar os corpos das pessoas mortas nas inundações causadas pelo Ciclone Tropical Freddy em 2023. AFP/GETTY IMAGES

A ênfase na formação em relações civis-militares ajuda as forças armadas africanas a criar forças profissionais dedicadas a servir os seus cidadãos e a permanecer subordinadas a líderes civis democraticamente eleitos.

SEGUNDO-SARGENTO ALLYSON L. MANNERS/GUARDA AÉREA NACIONAL DOS EUA



mais bem-sucedidas acreditam que o seu trabalho é proteger o povo. Esta crença foi articulada na conferência da ACHOD pelo Major-General Guy Blanchard Okoi, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da República do Congo: “O ser humano está no centro de tudo.”

#### MUDANÇA DE PARADIGMA CIVIL-MILITAR

O foco em melhores relações civis-militares vem sendo desenvolvido há décadas. No seu cerne está uma geração de líderes militares que aprenderam com a agitação política e social causada por décadas de golpes e guerras civis.

“No passado, as forças armadas eram vistas como uma fonte de insegurança, como

predadores,” Khisa disse à ADF. “Eles tinham uma personalidade predatória e uma reputação predatória.”

Essa natureza predatória ainda existe em partes do continente onde a corrupção e as violações de direitos humanos são toleradas. Mas líderes militares, como o Major-General Davidson Forleh, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, salientam que eles representam a velha maneira de pensar.

“As novas forças armadas são diferentes do passado,” Forleh disse à ADF.

Forleh estava na primeira turma de recrutas a ingressar nas forças armadas da Libéria quando estas foram recriadas após a guerra civil do país, que terminou em 2003. As forças armadas reformadas enfatizam o profissionalismo, a manutenção da paz e o patrulhamento do seu



ambiente marítimo e das suas fronteiras terrestres em colaboração com os seus vizinhos.

A vizinha da Libéria, Serra Leoa, tem uma história semelhante de reforma militar após uma guerra civil. Proteger os civis é a chave do mandato militar, de acordo com as autoridades da Serra Leoa.

“Países como a Libéria e a Serra Leoa são distintos, pois eram crateras fumegantes de guerra civil, onde houve um grande esforço para reformar as suas instituições de segurança,” Day, que passou um tempo na Serra Leoa durante a guerra civil, disse à ADF. Nesses casos, reformar as relações civis-militares pode exigir a reconstrução completa das forças de segurança, disse Day.

“Mas também tem a ver com a responsabilização no topo,” acrescentou. “Tem de haver uma responsabilização visível.”

### **CRIAÇÃO DE CONFIANÇA**

À medida que as forças armadas trabalham para fortalecer a sua relação com os cidadãos e líderes civis, elas enfrentam outro desafio: criar confiança.

“Temos que trabalhar num ambiente onde haja menos desconfiança,” o Tenente-General Mbaye Cissé, chefe do Estado-Maior da Defesa do Senegal, disse aos seus colegas na conferência da ACHOD.

Isso pode significar iniciar um diálogo com organizações não-governamentais, líderes civis e legisladores para construir conexões entre eles e as forças armadas. Fazer isso pode estabelecer as bases para aqueles momentos em que ambos os lados da relação civil-militar são chamados à acção.

O Senegal é um exemplo de como uma relação civil-militar bem-sucedida pode funcionar. Quando os militares foram chamados para controlar os separatistas na região sul de Casamança, os líderes não começaram com o Exército, disse Cissé.

“Usamos ONGs para fazer a promoção da paz,” acrescentou. “O Exército não pode fazer a promoção da paz sem a participação de organizações da sociedade civil. Quando se fala em segurança, as forças militares pensam que são as



Soldados nigerianos conversam com civis enquanto procuram suspeitos de terrorismo da Província da África Ocidental do Estado Islâmico, na comunidade de Tungushe. AFP/GETTY IMAGES

“Quando os oficiais superiores vão lá fora e vêem o que se passa noutros países, regressam a casa com atitude e percepção diferentes do que deve ser o seu papel.”

— Dr. Moses Khisa, investigador associado do Centro de Investigação Básica de Kampala, Uganda

únicas importantes.”

No entanto, pode ser difícil criar confiança num continente onde os líderes militares continuam dispostos e capazes de derrubar os seus governos civis. Os golpes de Estado no Burquina Faso, na Guiné, no Mali e no Níger — juntamente com a guerra civil no Sudão — lançam uma sombra sobre a promessa de melhores relações civis-militares entre os países africanos.

O número de golpes bem-sucedidos caiu de mais de duas dezenas por década entre os anos 1960 e 1990 (a década de pico, com 35 golpes) para menos de 10 por década nos anos 2000 e 2010, de acordo com Day e Khisa.

“O declínio dos golpes de Estado ocorreu em paralelo com grandes mudanças nas normas regionais que proíbem a interferência militar na política interna,” escreveram Day e Khisa.

### MANUTENÇÃO DA PAZ E PROFISSIONALISMO

O aumento das relações civis-militares cordiais coincide com duas outras mudanças: menos tolerância aos golpes entre os líderes do continente e uma maior ênfase nas missões de manutenção da paz lideradas por africanos.

A antecessora da União Africana, a Organização da Unidade Africana, tinha a reputação de ser agnóstica quanto à forma como os líderes de uma nação chegavam ao poder, disse Day.

“A OUA criou permissão para golpes de Estado,” disse Day. “Não havia proibições quanto à forma como alguém se tornava presidente. Agora, é suspenso se der um golpe de Estado.”

A postura mais agressiva da UA em relação à manutenção da ordem no continente levou a um número crescente de missões lideradas por africanos, como a Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF) na região do Lago Chade.

“A manutenção da paz é um dos aspectos mais subestimados do que estamos a discutir,” disse Khisa. “É extremamente importante.”

As tropas que participam na MNJTF, por exemplo, recebem formação em cooperação

civil-militar (CIMIC), que prepara os soldados para interagir de forma construtiva com civis que enfrentam deslocamento, desconfiança em relação às forças armadas e crises humanitárias.

“Dada a natureza da ameaça — uma insurgência assimétrica que opera entre populações civis — a força militar por si só provou ser insuficiente,” escreveram os responsáveis da MNJTF num e-mail enviado à ADF. “A CIMIC permite os soldados compreender a dinâmica local, construir relações com civis e coordenar de forma mais eficaz com as agências humanitárias. Estas capacidades não são apenas ‘competências sociais,’ mas ferramentas essenciais para o sucesso da missão.”

Além de proporcionar às tropas da MNJTF uma vantagem tática, a CIMIC também pode transformar a imagem e o impacto da força na região e servir de base para uma estabilidade regional mais ampla, permitindo que as comunidades se reconstruam e resistam a ameaças futuras, afirmaram os oficiais da força-tarefa.

Em alguns casos, as missões de manutenção da paz serviram como um aviso aos líderes militares africanos sobre a destruição que poderia resultar da violação da relação civil-militar, disse Khisa.

“Quando os oficiais superiores vão lá fora e vêem o que se passa noutros países, regressam a casa com atitude e percepção diferentes do que deve ser o seu papel,” disse Khisa, acrescentando que os soldados de manutenção da paz ganheses que serviram no Ruanda após o genocídio de 1994 são um exemplo dessa mudança.

“Quando lemos sobre a experiência deles, vemos que ela deixou um impacto indelével e duradouro na forma como eles percebiam o papel das forças armadas no seu país,” disse Khisa. “Isso significava que os militares não deveriam ser perturbadores. Não deveriam levar o Gana ao tipo de crise que viram no Ruanda.”

### PROVEDOR DA POLÍCIA

À medida que as nações africanas melhoram a relação entre as suas forças armadas e os civis,





um aspecto do sector de segurança continua a ser negligenciado: a polícia local. Na Nigéria, por exemplo, as forças armadas são enviadas para lidar com questões como agitação cívica extrema, para as quais a polícia, como instituição de segurança responsável pela aplicação da lei interna, seria mais adequada.

A polícia da Nigéria não tem formação nem recursos para lidar com eventos de insegurança em grande escala, o que impede a sua capacidade de responder a grandes eventos, de acordo com os investigadores Brigadeiro-General aposentado Saleh Bala e Mvemba Phezo Dizolele, associado sénior do Programa África do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS).

Enviar militares para as cidades em rápido crescimento de África no lugar da polícia pode causar problemas, Bala e Dizolele escreveram num relatório para o CSIS.

“Em algumas comunidades, os militares são vistos como inimigos,” escreveram os autores. “Noutras, as pessoas ainda acolhem os militares como uma garantia de que serão protegidas.”

Investir mais nas forças policiais locais poderia ajudar a melhorar a segurança, mantendo os militares focados no seu mandato de proteger

a nação contra ameaças estrangeiras, Catherine Lena Kelly, directora de envolvimento, do Centro de Estudos Estratégicos de África, disse à ADF. O policiamento comunitário pode complementar o papel de defesa nacional dos militares, identificando e desmantelando grupos terroristas e promovendo esforços de desradicalização, disse Kelly.

“Os polícias comunitários podem ser um recurso forte para isso,” disse Kelly. “Num mundo ideal, a polícia exibiria um nível de profissionalismo igual ao que as forças armadas exibem.”

Os observadores dizem que a mudança em curso nas relações civis-militares em toda a África promete trazer mais estabilidade a um continente há muito marcado por golpes de Estado e agitação social. Oportunidades de formação extensivas e a dedicação em manter as forças armadas responsáveis perante os líderes democraticamente eleitos estão a transformar as forças armadas africanas em instituições que protegem os seus cidadãos, em vez de os explorar.

“No passado, os militares eram vistos como uma espécie de besta,” disse Forleh, da Libéria. “Transformámos todo o exército numa força do bem.” □

**Oficiais do Estado-Maior da Força-Tarefa Conjunta Multinacional visitam crianças de um orfanato de N'Djamena, Chade.**

FORÇA-TAREFA CONJUNTA MULTINACIONAL



# ‘USO DA FORÇA CONTINUA A SER O ÚLTIMO RECURSO’







UMA CONVERSA COM O

# MAJOR-GENERAL FRUCTUEUX GBAGUIDI

## CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA DEFESA DO BENIN

*O Major-General Fructueux Gbaguidi, um oficial do Exército com mais de 35 anos de experiência, estudou e treinou em instituições da França, Madagáscar, Senegal e Estados Unidos. Durante a sua carreira nas Forças Armadas do Benin (FAB), serviu como comandante da 1.ª Companhia de Combate do Batalhão de Intervenção Rápida do Benin, ajudante de campo do chefe do Estado-Maior e comandante do 2.º Batalhão de Armas Combinadas. Ele ocupou cargos de liderança na Escola Nacional Superior de Formação do Exército e na Escola Nacional de Suboficiais. Serviu como chefe do Estado-Maior do Exército de 2016 a 2022, antes de ser nomeado para o seu cargo actual. Em Setembro de 2025, foi aprovado para entrar no Quadro de Honra Internacional da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Falou com a ADF por vídeo a partir do seu escritório em Cotonou. Esta conversa foi editada por motivos de espaço e clareza e traduzida do francês.*

**ADF:** Historicamente, o Benin não enfrentou ameaças de grupos terroristas. Isso mudou em 2019, quando turistas foram sequestrados num parque nacional. Nos anos seguintes, a ameaça só cresceu. Pode descrever como o Benin passou a ser alvo de grupos terroristas do Sahel e como essa ameaça afectou o país?

**GBAGUIDI:** O Benin sempre foi um país pacífico, mas infelizmente em 2021 começámos a sofrer ataques. Durante muito tempo, o inimigo chegou ao Benin de forma secreta, desarmado ou, por vezes, com armas escondidas. E quando digo inimigo, refiro-me a terroristas. Inicialmente, eles não fizeram do Benin o seu alvo principal; estavam mais preocupados com a capacidade de atacar no Sahel. Evidentemente, em busca de melhores linhas de comunicação, em busca de mais espaço, começaram a atacar-nos. Como descreveu, houve o sequestro de turistas e, em vez de continuar a ser uma zona de trânsito, o Benin tornou-se um alvo, porque o objectivo deles era permitir o tráfico necessário



para alimentar esses grupos. Isso inclui o tráfico de cigarros, gasolina, ouro e várias outras actividades de tráfico, incluindo drogas. A mobilização das nossas forças perturbou o inimigo, e esse tráfico tornou-se mais difícil para eles. Portanto, eles tiveram de nos atacar para conquistar militarmente essas áreas. Foi assim que nos tornámos alvo dos terroristas do Sahel.

**ADF:** Em 2022, o Benin criou a Operação Mirador. Pode descrever por que foi criada, o seu objectivo e o que conseguiu?

**GBAGUIDI:** Tínhamos várias operações em curso: operações para combater a mineração ilegal e operações para combater o trânsito de mercadorias traficadas. Compreendendo que todas essas actividades ilegais tinham o mesmo objectivo — desestabilizar o nosso país —, decidimos implementar uma operação unificada que chamámos de Mirador. Tratava-se essencialmente de vigilância, e quando se está numa torre de vigia ou num “miradouro,” está-se a monitorar. Então, unificámos todos os comandos do Norte para criar uma única operação com um comandante de teatro. O teatro está dividido em três zonas principais: a Zona Norte, que é o departamento de Alibori; a Zona Oeste, que é o departamento de

Gbaguidi fala com soldados que servem na Operação Mirador, no norte do Benin. FORÇAS ARMADAS DO BENIN



Um primeiro-tenente do 1.º Batalhão de Comandos Pára-quedistas do Benin calibra os seus binóculos antes de um exercício de treino de campo em Ouassa.

COMANDO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS DOS EUA EM ÁFRICA

Atacora; e a Zona Leste, que é a fronteira com a Nigéria, ou seja, Borgou. É um princípio da guerra: a unidade de combate permite-nos facilitar a transmissão e a execução das ordens que transmito às várias unidades no terreno. Tudo está sob o comando de dois comandantes do teatro de operações que mudam periodicamente, cada um com o seu próprio quartel-general. Mas há um quartel-general central em Parakou. Este é o quartel-general da Operação Mirador. O objectivo é garantir a segurança das áreas do norte do Benin, particularmente os parques que parecem ser as zonas preferidas dos grupos terroristas.

**ADF:** Mencionou o complexo de parques W-Arly-Pendjari. Pode descrever como é que os terroristas e traficantes estão a infiltrar-se nos parques e o que deve ser feito para restaurar a estabilidade?

**GBAGUIDI:** Sim, esses grupos precisam de lugares para se esconder, e a vegetação rasteira e as florestas são locais ideais para eles se movimentarem. Eles deslocam-se em pequenos grupos, muitas vezes, em motorizadas, às vezes, até a pé. São muito resistentes. Movem-se de acampamento em acampamento, levando apenas o mínimo necessário. Têm a sorte de ter abrigo porque, em África, quando se vê um estranho chegar, mesmo que não o conheça necessariamente, dá-lhe comida e abrigo, e não o denuncia, mesmo que ache que ele tem um carácter moral duvidoso. É isso que lhes permite deslocar-se de um lugar para outro e reagrupar-se para conduzir as suas operações. Combatemos esta ameaça de várias maneiras, porque temos de adoptar uma abordagem holística à situação. Para nós, a abordagem militar é o último recurso.

Tentamos comunicar com os vários chefes de aldeia, com os vários líderes tradicionais. O uso da força continua a ser o último recurso.

**ADF:** O que está a ser feito para desmantelar as redes de tráfico e perturbar a economia ilícita que financia os grupos terroristas?

**“NÃO VEMOS AS COISAS EM TERMOS DE GUERRA TOTAL. VEMOS EM TERMOS DE NECESSIDADE DE ABORDAGENS DIVERSIFICADAS.”**

**GBAGUIDI:** Não vemos as coisas em termos de guerra total. Vemos em termos de necessidade de abordagens diversas. Primeiro, tentamos identificar o que pode causar as frustrações da população, porque essas frustrações constituem o terreno fértil que os terroristas usam para se organizar e ter sucesso no terreno. Identificamos essas frustrações, mas também as necessidades cruciais da população, particularmente em termos de serviços públicos, saúde e estradas. Essas estradas abrem áreas para que, muito rapidamente — e o governo compreendeu isso desde o início —, possamos chegar a essas populações, possivelmente fornecendo-lhes serviços públicos para que



essas necessidades não criem o terreno fértil no qual os grupos terroristas se baseiam para ter sucesso. Só usamos a força como último recurso. É quando somos atacados que geralmente respondemos. Mas, em geral, tentamos priorizar o diálogo, para garantir que as pessoas possam conversar entre si e evitar uma situação em que a força preceda o diálogo.

**ADF:** Dois dos vizinhos do norte do Benin, o Burkina Faso e o Níger, sofreram golpes militares e diminuíram a cooperação política e militar com os países da África Ocidental. Como descreveria a colaboração entre as FAB e os exércitos dos seus vizinhos do norte? Qual é a importância da cooperação com esses países para garantir a segurança das fronteiras comuns?

**GBAGUIDI:** Em relação aos golpes no Sahel, os países são soberanos e decidiram retirar-se da CEDEAO [Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental]. É uma decisão totalmente soberana sobre a qual não vou comentar. No entanto, entre os soldados, continuamos a ter intercâmbios. Nas escolas beninenses, há estagiários dos países que mencionou, nomeadamente do Níger, do Burkina Faso e de muitos outros países africanos, porque a nossa visão do pan-africanismo é estar com todos os africanos e facilitar a vida dos africanos. Procuramos a cooperação, e eles são nossos irmãos de armas. Às vezes funciona, outras vezes não. Estou convencido de que, com o tempo, as coisas voltarão ao normal. Mas é importante que possamos conversar uns com os outros e que possamos trabalhar juntos para enfrentar o terrorismo, porque o terrorismo é precisamente o que atravessa as nossas fronteiras. Quando se considera a sua área de operação, são as fronteiras, as zonas cinzentas

que temos dificuldade em controlar. Os grupos terroristas trabalham em sinergia; não conhecem fronteiras; trabalham em redes. Portanto, se permanecermos isolados, todos perderemos. É por isso que, quando assumi o comando, visitei todos os países que fazem fronteira com o Benin para explicar a minha visão das coisas, ou seja, que devemos continuar a trocar informações, particularmente em termos de inteligência, apoio mútuo e processos judiciais no território uns dos outros. Fui compreendido inicialmente, mas, como disse, há uma nova situação. Esta nova situação não destruiu completamente tudo, mas há margem para melhorias no sentido de que poderíamos compreender-nos melhor para poder enfrentar os terroristas.

**ADF:** Como é que as FAB trabalham para construir confiança com os civis nas comunidades afectadas do norte? Como o alcance civil ajuda na missão antiterrorista?

**GBAGUIDI:** Mantemos uma sinergia constante com a população civil. Trocamos informações; conversamos com eles. Explicamos a situação de segurança mais recente e mantemos esse diálogo para explicar sempre que algo muda. Também realizamos acções civis-militares com essas populações para conquistar corações e mentes, como costumamos dizer. A abordagem do combate ao terrorismo deve ser geral; deve ser uma abordagem abrangente; e, em primeiro lugar, é a população civil que devemos apoiar para que compreenda que não estamos em guerra com ninguém e que estamos apenas a salvaguardar a integridade do nosso território. Uma das acções que também realizamos é recrutar nessas comunidades, porque elas conhecem o terreno. Os jovens que recrutamos nessas comunidades fronteiriças conhecem os seus



Gbaguidi fala com soldados que servem na Operação Mirador, no norte do Benin.

FORÇAS ARMADAS DO BENIN

irmãos e irmãs, conhecem as pessoas de lá, e somos aceites quando chegamos a essas áreas, pois falamos as mesmas línguas que essas pessoas. Também há acções civis-militares. Realizamos sessões de vacinação, seja para homens ou para gado, para rebanhos de ovelhas, rebanhos de gado, etc. Tratamos as pessoas. Levamos o que realmente falta nessas áreas para que as pessoas entendam que estamos do lado delas e que se trata apenas de proteger o Benin e nada mais.

**ADF:** Que papel acha que os civis podem desempenhar na derrota do terrorismo? Acha que eles podem ser efectivamente treinados como guardas, vigilantes ou como uma rede de alerta precoce que pode alertar as autoridades sobre ameaças em áreas remotas?

**GBAGUIDI:** Sabe, o Benin não tem inimigos eternos nem aliados permanentes. Fazemos as coisas usando inteligência situacional, e a população civil é a parte mais importante do combate ao terrorismo, uma vez que são eles os mais directamente afectados. É por isso que damos prioridade ao contacto directo com essas populações, e é por isso que elas vêm falar connosco espontaneamente sempre que há uma mudança na sociologia da sua área — quando há novas pessoas que vêm se estabelecer, mesmo quando os recém-chegados são simples refugiados. Sabemos disso imediatamente após acontecer, porque as pessoas entendem que essa luta as afecta em primeiro lugar. Ao respeitarmos os direitos humanos e as várias regras estabelecidas, estamos convencidos de que continuaremos a conquistar o coração do nosso público, para que esta luta justa que travamos em nome do Benin tenha um impacto positivo sobre eles e não perturbe as suas vidas quotidianas.

**ADF:** Em 2015, o Benin aderiu à Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF), apesar de não se situar na Bacia do Lago Chade. Por que razão o país considerou importante fazer parte desta coligação?

**GBAGUIDI:** Em termos de estratégia, quem tem mais hipóteses de sucesso é quem compreende o que está para vir, quem antecipa.

Os grupos que assolam a Bacia do Lago Chade são os mesmos que hoje nos atacam no Benin. Assim, os líderes políticos da época tiveram a presença de espírito e a inteligência para compreender a situação e dizer a si mesmos: “Temos de antecipar e estender a mão aos irmãos que estão a lutar no Lago Chade.” Porque sentimos que essa ameaça iria expandir-se e chegar até nós. E é isso o que está a acontecer hoje. Então, foi por antecipação que decidimos nos juntar à MNJTF. Ainda estamos lá e estamos a ocupar um lugar cada vez mais proeminente. Nos próximos dias, um novo sector será criado no Benin, ou seja, no leste do Benin, porque os grupos que actuam no Lago Chade estão a descer para o nordeste do Benin para atacar. Foi uma medida proactiva que nos levou a entrar na MNJTF. O objectivo era evitar o alastramento, esse alastramento que ainda não foi decisivamente travado, mas que foi abrandado e não veio acompanhado da violência com que invadiu outros países. Esperamos que nos próximos anos, nos próximos meses, nas próximas semanas, tenhamos um desempenho muito melhor no combate ao terrorismo.

**ADF:** Apesar dos esforços das FAB, a ameaça terrorista não mostra sinais de enfraquecimento. O que é necessário fazer a nível nacional e regional para responder a esta ameaça?



Um tenente de pelotão beninense usa um diagrama em mesa de areia para discutir as atribuições do pelotão durante o treino.

COMANDO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS  
DOS EUA EM ÁFRICA





Soldados do 1.º Batalhão de Comandos Pára-quedistas do Benin preparam-se para atravessar uma zona perigosa durante um treino de emboscada em Ouassa.

COMANDO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS  
DOS EUA EM ÁFRICA

## “ESTAMOS NUMA GUERRA ASSIMÉTRICA E HÁ TERRORISTAS ENVOLVIDOS, O QUE TORNA ESTA GUERRA DUPLAMENTE INCERTA.”

**GBAGUIDI:** Estamos numa guerra assimétrica e há terroristas envolvidos, o que torna esta guerra duplamente incerta. São grupos que atacam e depois se retiram para as sombras. Devemos primeiro reforçar a nossa força a nível nacional e, em seguida, procurar sinergias com os países vizinhos para impedir que os grupos terroristas tenham a oportunidade de se retirar para um país depois de operarem noutro. Primeiro, é uma estratégia nacional que inclui populações civis para lidar com isso de forma eficaz a nível nacional. Num segundo nível, é uma organização regional, como sempre trabalhei para criar. Não é necessário ter uma força regional; basta ter um acordo regional com estratégias comuns, com objectivos definidos e metas bem combinadas. Quando tudo isso estiver em vigor, o terrorismo terá cada vez menos chances. Acredito que se trata, antes de tudo, de nos dotarmos dos meios a nível nacional e, em seguida, buscar sinergias internacionais para poder impedir que o terrorismo se espalhe de uma fronteira a outra.

**ADF:** O que acha que é necessário fazer nos próximos anos para modernizar e profissionalizar ainda mais as FAB? Quais são os seus principais objectivos?

**GBAGUIDI:** Temos várias linhas de operação

importantes para construir o Exército que queremos. A primeira linha de operação é unificar os nossos recursos humanos e garantir que as unidades que intervêm sejam verdadeiramente especializadas e experientes na tarefa em questão, para que possamos impedir de forma decisiva que o inimigo tome a iniciativa.

A segunda linha de operação é o equipamento. Continuamos a equipar-nos porque, há quatro anos, não estávamos neste nível. Estávamos muito longe de onde estamos hoje. Devemos continuar a equipar as FAB e a treiná-las nos equipamentos que adquirimos para que possa cumprir as suas missões.

A terceira linha de operação é importante. É o papel decisivo que a população local deve desempenhar. E isso está relacionado com a interacção que temos com eles; é a nossa capacidade de lhes fornecer os serviços de que precisam, é a nossa capacidade de satisfazer as suas necessidades que os impedirá de viver na miséria e dará aos terroristas a oportunidade de vir e derrubá-los. Significa torná-los mais conectados, fornecer-lhes cuidados primários, permitir que encontrem moradia, alimentação e cuidados de saúde. Se essas linhas de operação forem seguidas adequadamente, acredito que o terrorismo terá muito poucas chances de prosperar. □



# MANTENDO A LINHA





## A OPERAÇÃO MIRADOR DO BENIN

VISA REPELIR UMA  
SÉRIE DE ATAQUES  
AO LONGO DA SUA  
FRONTEIRA NORTE

EQUIPA DA ADF



**NUM** exercício  
extenuante  
de oito  
dias, realizado em três  
departamentos da zona sul  
do Benin, os membros da  
Guarda Nacional foram  
levados ao seu limite.

Eles resgataram reféns, reprimiram insurgências e repeliram emboscadas. Desceram de penhascos, percorreram percursos de cordas altas e saltaram de helicópteros que sobrevoavam a água.

Os cenários eram fictícios, mas o verdadeiro teste estava para breve. Esperava-se que muitos dos 560 soldados que treinaram em Julho de 2025 fossem destacados para o norte do país para participar na Operação Mirador, a missão militar do Benin para conter uma crescente ameaça terrorista.

Soldados beninenses do 1.º Batalhão de Comandos Para-quedistas treinam em Ouassa ao lado das Forças Especiais dos EUA. FORÇA AÉREA DOS EUA



“Eles estão a treinar e a desenvolver os reflexos necessários para enfrentar os incidentes que enfrentamos no terreno,” disse o Coronel Faizou Gomina, chefe da Guarda Nacional. “Naturalmente, isso permitirá que o pessoal seja endurecido para a batalha antes do seu envio para a zona operacional, o que está previsto para as próximas semanas.”

Os riscos não poderiam ser maiores para o país, que enfrenta uma ameaça existencial do terrorismo baseado no Sahel. O Benin tem sofrido um aumento constante de ataques desde 2019, quando os terroristas sequestraram um guia e dois turistas do Parque Nacional de Pendjari. Em 2024, o país sofreu 153 mortes relacionadas com ataques terroristas. Em 2025, esperava-se que esse número aumentasse, incluindo dois ataques horríveis que mataram mais de 80 soldados em instalações militares.

Os ataques recorrentes deixaram claro que os terroristas, principalmente o Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM), estão determinados a estabelecer uma base dentro do país. Os vizinhos costeiros do Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo, também enfrentam uma onda de incursões de grupos baseados no Sahel. A violência abalou uma nação que não havia sofrido nenhum ataque terrorista nas primeiras seis décadas da sua existência, mas agora é o 26.º país mais afetado pelo terrorismo no mundo.

“A dimensão dos ataques e o número de mortes do lado beninense tiveram o efeito de uma onda de choque, porque não estamos habituados a este nível de violência,” o investigador beninense Oswald Padonou disse à Jeune Afrique. “Dá a sensação de uma perda de controlo.”

## MIRADOR TOMA FORMA

Lançada em 2022, a Operação Mirador tem como objetivo reforçar a presença militar ao longo das fronteiras do norte do Benin com o Burkina Faso e o Níger. Foi concebida para restaurar a segurança no complexo de parques

W-Arly-Pendjari (WAP), que se estende por três países e é um refúgio para grupos terroristas e traficantes.

A Operação Mirador é composta por cerca de 3.000 soldados posicionados em oito bases operacionais avançadas e posições fortificadas avançadas em todo o norte. Tropas adicionais fazem rotação sazonal pelas regiões afectadas e há guardas de segurança locais treinados para apoiar a recolha de informações. As Forças Armadas do Benin (FAB) também criaram uma Guarda Nacional e uma unidade de Forças Especiais para apoiar a operação.

As Forças Armadas fizeram parcerias com outros países para obter equipamentos como helicópteros, drones e veículos blindados para a luta. O Benin aumentou o seu orçamento de defesa em 60% entre 2022 e 2024 e anunciou uma campanha especial de recrutamento para aumentar a força militar em 5.000 soldados.

“Todos estes investimentos têm como objectivo permitir uma projecção rápida e fácil dos nossos homens nos teatros que requerem a sua intervenção,” o presidente do Benin, Patrice Talon, disse num discurso à nação em 2022. “Para ser claro, isso significa fortalecer o país e garantir a segurança ideal para todos.”

A missão registou alguns sucessos. Em Fevereiro de 2025, o Exército repeliu um ataque e matou 17 terroristas que ameaçavam a cidade de Banikoara. Os soldados também desmantelaram células terroristas que operavam no Parque Nacional de Pendjari e confiscaram armas, material para fabricar bombas, telefones e walkie-talkies.

Mas os ganhos tiveram um custo elevado. Segundo uma estimativa, 217 soldados morreram em combate no norte desde o início da operação. O ataque do JNIM de 17

Membros da Guarda Nacional participam no Bouclier, um exercício intenso e em grande escala no sul do Benin, concebido para preparar os soldados para a mobilização para o norte.

À direita: As Forças Armadas do Benin organizam uma clínica veterinária para pastores em Pingou, Nodi e Dassari.

FORÇAS ARMADAS DO BENIN







de Abril de 2025, que matou 54 soldados, provocou uma onda de emoção e críticas por parte da população.

Mas alguns dizem que mesmo as perdas são prova de que os jihadistas estão a enfrentar uma forte resistência enquanto tentam avançar para o sul.

“A nossa missão não é esperar que a ameaça chegue,” o Coronel Raoufou Assouma, comandante do Grupo Tático Conjunto na Zona Oeste, disse ao *Le Monde*. “Temos de ir atrás dela, eliminá-la e neutralizá-la onde quer que esteja.”

### CONQUISTANDO O APOIO DA POPULAÇÃO CIVIL

Desde o início, as FAB reconheceram que não venceriam a luta apenas com a força militar. O remoto norte do Benin é subdesenvolvido, com poucas estradas e pontes, pouca indústria e acesso escasso a serviços básicos, como

cuidados médicos. As pessoas da região desconfiam do governo central. Grupos terroristas, incluindo alguns que partilham laços étnicos com a população, tentam aproveitar-se disso.

“A sensação de abandono é tão forte que os terroristas, muitas vezes, são vistos como salvadores, devido às grandes quantias de dinheiro que gastam, por exemplo, num poço numa aldeia ou para pagar aos jovens pelo seu trabalho,” o sociólogo Paul Affanmin disse à revista *Le Point*.

As FAB procuram mudar essa percepção através de eventos veterinários para tratar o gado dos pastores, clínicas médicas gratuitas e sessões de escuta para promover o diálogo com os civis. Em Maio de 2025,

Um soldado beninense do 1.º Batalhão de Comandos Paraquedistas cobre o seu sector durante o Treino Conjunto Combinado em Ouassa.

FORÇA AÉREA DOS EUA



**“MANTENHAM A CALMA. FAÇAM O TRABALHO COMO TÊM FEITO, SE NÃO MELHOR, EM CONSONÂNCIA COM A NOSSA HONRA COMO SOLDADOS. VOCÊS SÃO OS MELHORES.”**

~ Chefe do Estado-Maior da Defesa do Benin, Major-General Fructueux Gbaguidi



Um agente da polícia e um soldado do Benin mandam parar uma motorizada num posto de controlo nos arredores de Porga, perto da fronteira com o Burquina Faso.

THE ASSOCIATED PRESS



veterinários trataram 4.000 bovinos em várias aldeias de Materi e ofereceram cuidados médicos a 1.700 pacientes em Atacora.

“Durante muito tempo, o mito do uniforme assustou as pessoas,” disse Fortunet Alain Nouatin, Ministro da Defesa do Benin. “É necessário que o Exército se coloque no centro da população. Com eventos médicos gratuitos, ele conquista a simpatia da população e, de forma indirecta, dá-lhes confiança em nós para que possam fornecer informações úteis.”

As Forças Armadas formaram comissões civis-militares em coordenação com autoridades locais e líderes tradicionais. As comissões oferecem um espaço para o público ajudar os militares a identificar prioridades de segurança e permitem que as pessoas expressem preocupações ou ofereçam conselhos. Na primeira reunião do comité na cidade de Atacora, em Junho de 2025, uma das partes interessadas disse que a ideia por trás do evento era “construir a segurança em conjunto, ouvir, agir e avançar colectivamente.”

“Estes projectos são a expressão de um desejo de restaurar a confiança entre as forças de defesa e as comunidades, num espírito de complementaridade e de co-construção da segurança,” o Tenente Mardochée Avlessi, médico militar responsável pelo comité civil-militar em Materi, disse à revista Le Point.

Os esforços militares e governamentais sustentam programas internacionais de apoio às regiões fronteiriças, incluindo o Projecto de Coesão Social das Regiões do Norte do Golfo da Guiné, financiado pelo Banco Mundial. Este programa de 33 milhões de dólares foi concebido para reforçar a resiliência das comunidades fronteiriças, melhorando os serviços e a segurança alimentar e promovendo a reforma agrária. Estima-se que o projecto apoie mais de meio milhão de pessoas no Benin.

## UMA REGIÃO FRAGMENTADA

As parcerias de segurança fragmentadas no Sahel têm dificultado a luta do Benin contra o terrorismo. Após golpes de Estado, o Níger e o Burkina Faso abandonaram a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, deixando o Benin com capacidade limitada para colaborar ou partilhar informações com os seus vizinhos do norte. As forças beninenses já não têm o direito de perseguir terroristas que fogem através das fronteiras. As autoridades beninenses indignaram-se com o facto de os grupos terroristas terem “total liberdade” em mais de 100 quilómetros dentro do território do Burkina Faso. Eles podem lançar ataques e recuar para um local seguro sem medo de serem perseguidos.

“A nossa situação seria mais fácil se tivéssemos uma melhor cooperação com os países que nos rodeiam,” o porta-voz do governo do Benin, Wilfried Houngbédji, disse à revista Le Point. “Se, do outro lado da fronteira, houvesse um esforço pelo menos semelhante ao nosso, estes ataques não se desenrolariam desta forma.”

O investigador de segurança do Sahel, Seidik Abba, acredita que os grupos terroristas estão a instigar

intencionalmente a desconfiança entre os países vizinhos.

“Os terroristas sabem que existem dificuldades entre os diferentes países da região e aproveitam-se disso para avançar com os seus objectivos,” Abba disse à BBC. “É do interesse dos jihadistas tornar a ameaça transnacional, um desafio que vai além de uma única fronteira.”

O complexo WAP estende-se por 27.000 quilómetros quadrados nos três países. Dados do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED) mostram que, entre 2023 e 2025, o JNIM consolidou ganhos no leste do Burkina Faso e no sudoeste do Níger, incluindo o parque, usando a área como base para avançar para o sul. O ACLED alertou que, sem cooperação e coordenação militar, a expansão poderia continuar e “remodelar fundamentalmente o panorama de segurança nesta sub-região.”

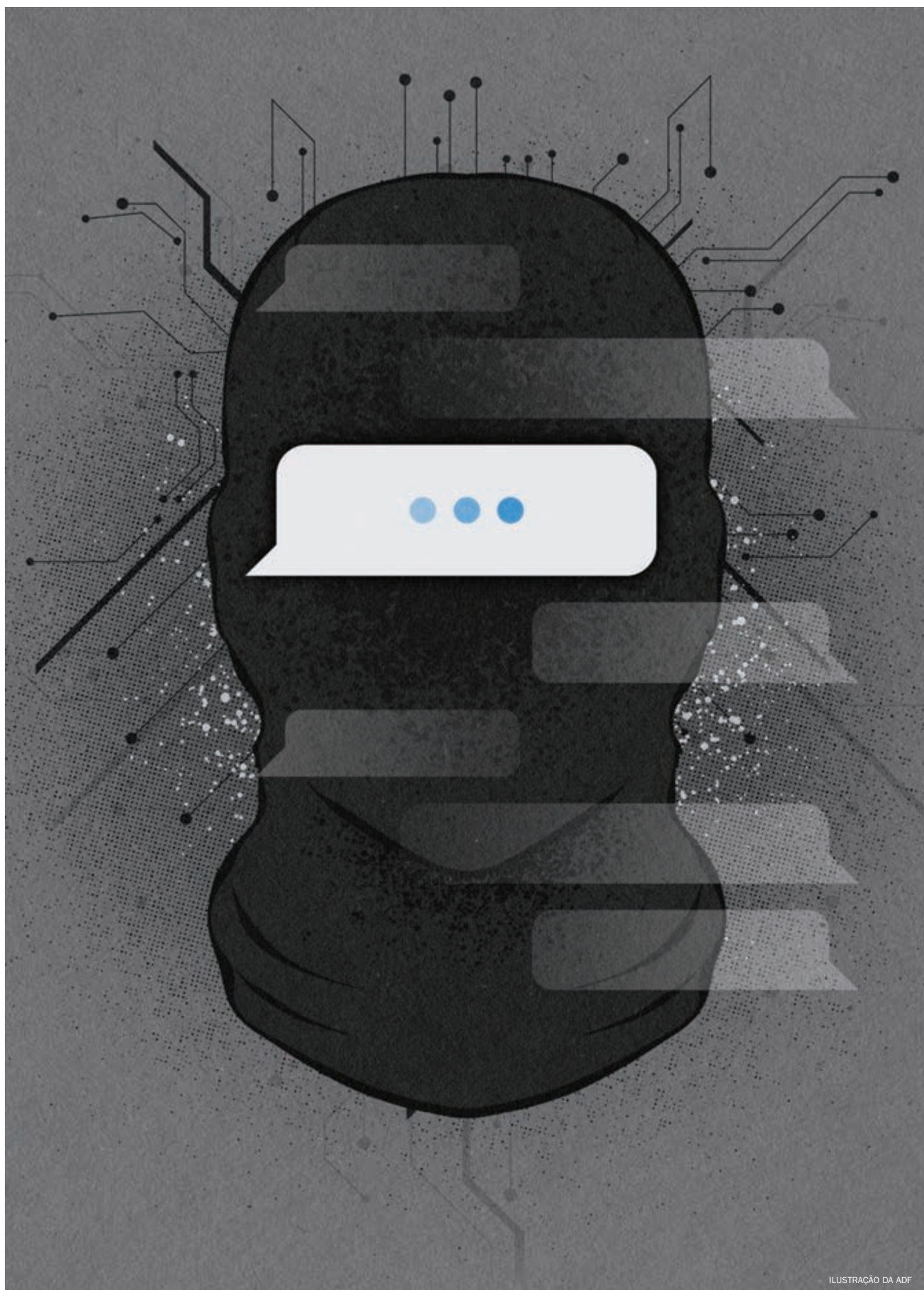


As forças armadas do Benin mantêm uma clínica médica gratuita em Taiacou, como parte dos comités civis-militares criados pela Operação Mirador para apoiar a população do norte do Benin.

FORÇAS ARMADAS DO BENIN

Os líderes das FAB sabem que a sua responsabilidade com a Operação Mirador é impedir a todo o custo esta ofensiva dos extremistas para sul. Durante uma visita à linha da frente em 2024, o Chefe do Estado-Maior da Defesa do Benin, Major-General Fructueux Gbaguidi, exortou os soldados a continuarem a luta.

“Mantenham a calma. Façam o trabalho como têm feito, se não melhor, em consonância com a nossa honra como soldados. Vocês são os melhores,” disse Gbaguidi. “Quando vemos o que está a acontecer na sub-região, quando vemos a vossa capacidade de resiliência, a vossa capacidade de enfrentar estes desafios, para mim, não há ninguém melhor do que vocês. Temos de manter o ritmo, manter este ímpeto. Boa sorte! A luta continua.” □





# AMEAÇAS NA MAQUINA

GRUPOS TERRORISTAS ESTÃO A UTILIZAR A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA RECRUTAMENTO E ENVIO DE MENSAGENS; O PRÓXIMO PASSO PODE SER A SUA UTILIZAÇÃO COMO ARMA

EQUIPA DA ADF

**OS** terroristas do Estado Islâmico e da al-Qaeda têm usado a tecnologia das redes sociais há mais de uma década para recrutar e espalhar propaganda para um público global. Agora, estes e outros grupos estão a aproveitar as novas ferramentas que podem potencializar as mensagens e, possivelmente, ajudar a perpetrar ataques.

A inteligência artificial permite que os terroristas produzam propaganda sofisticada que se espalha



Os terroristas e criminosos foram os primeiros a adoptarem os aplicativos das redes sociais. Da mesma forma, eles foram rápidos em empregar aplicativos da IA para melhorar o uso das redes sociais. ILUSTRAÇÃO DA ADF

**“Ao contrário dos recrutadores humanos, os chatbots baseados na IA podem operar continuamente em várias plataformas, participando em conversas que imitam as interações humanas. O perigo do recrutamento passivo com o uso maligno da IA é extremo.”**

~ **Fabrizio Minniti**, investigador do Centro Militar de Estudos Estratégicos

por várias plataformas, exigindo poucas pessoas e recursos limitados. A tecnologia de clonagem de voz, a manipulação de vídeos e fotos e a capacidade de geração de texto ajudam os terroristas a distorcer a realidade e a dar-lhe um novo significado, substituindo as tarefas tediosas de digitar longos textos e produzir vídeos a partir do zero.

As ferramentas de IA podem traduzir rapidamente ficheiros de voz para vários idiomas e até imitar as vozes de pessoas conhecidas, incluindo celebridades e políticos. AFP/GETTY IMAGES

## As mesmas ferramentas agora usadas por terroristas também podem ser usadas pelos seus apoiantes, multiplicando e ampliando o alcance das mensagens extremistas com pouco ou nenhum custo ou esforço.

A tecnologia da IA pode facilmente colocar palavras na boca de celebridades da vida real, políticos e outras pessoas notáveis. Os aplicativos de computador gratuitos com tecnologia de IA podem imitar vozes, criar vídeos com qualidade cinematográfica e capacitar terroristas a criar notícias falsas. Isso pode transformar a disseminação da propaganda e reforçar o recrutamento.

“Ao contrário dos recrutadores humanos, os

**“A questão prevalece. Será que as nossas defesas estão a evoluir tão rapidamente quanto as ameaças alimentadas pela IA?”**

~ **Abdul-Hakeem Ajijola**, da Nigéria, presidente do Grupo de Peritos em Segurança Cibernética da União Africana

chatbots baseados na IA podem operar continuamente em várias plataformas, participando em conversas que imitam as interações humanas,” de acordo com um artigo da Global Network on Extremism and Technology (GNET) de 11 de Abril de 2025, escrito por Fabrizio Minniti. Esses chatbots de IA também podem analisar comportamentos e adaptar as suas respostas com base na ideologia e nas vulnerabilidades de uma pessoa. “O perigo do recrutamento passivo com o uso maligno da IA é extremo,” escreveu.

A IA é tão nova e as suas capacidades tão variadas que poucos países, se é que algum, têm políticas ou respostas prontas para enfrentar as ameaças que ela representa. O Centro de Estudos Estratégicos de África realizou seis webinars de Fevereiro a Abril de 2025 para abordar os desafios e oportunidades apresentados pela IA. “A questão prevalece,” Abdul-Hakeem Ajijola, da Nigéria, presidente do Grupo de Peritos em Segurança Cibernética da União Africana, disse num webinar de 21 de Fevereiro. “Será que as nossas defesas estão a evoluir tão rapidamente quanto as ameaças alimentadas pela IA?”



# APLICAÇÕES TERRORISTAS DA IA GENERATIVA

A Tech Against Terrorism criou classificações dos riscos representados pelo uso da IA generativa por terroristas.



## Propagação nos meios de comunicação

Os terroristas podem gerar milhares de variantes maliciosas a partir de uma única imagem ou vídeo que podem contornar os mecanismos de detecção automatizados.



## Tradução multilingue automatizada

Depois de publicarem uma mensagem, os terroristas podem traduzir propaganda baseada em texto para vários idiomas, sobrecarregando assim os esforços de detecção manual.



## Propaganda totalmente sintética

Os terroristas podem gerar conteúdo completamente artificial, como discursos, imagens e ambientes interactivos, com o objectivo de sobrecarregar os esforços de moderação.



## Reciclagem de variantes

Os terroristas podem usar a IA generativa para reutilizar propaganda antiga de uma forma que possa escapar aos esforços de detecção anteriores.



## Propaganda personalizada

As ferramentas de IA podem personalizar as mensagens para melhor direccionar o recrutamento de grupos demográficos específicos.



## Subverter a moderação

A IA pode projectar propaganda especificamente concebida para contornar os esforços de moderação.

Embora a IA generativa represente riscos nas mãos de terroristas, ela também oferece oportunidades para se antecipar à ameaça. A cooperação e a inovação ajudarão as autoridades a compreender as vulnerabilidades da IA e a fornecer soluções proactivas para mitigar as ameaças.

Fonte: Tech Against Terrorism

ILUSTRAÇÃO DA ADF

## UM “PRESENTE” PARA OS TERRORISTAS

As plataformas das redes sociais conferem às publicações geradas pela IA um alcance global automático e a capacidade de se tornarem virais, o que acontece frequentemente com memes e vídeos humorísticos mais benignos. Os grupos terroristas não têm qualquer problema em estabelecer-se em aplicativos famosos por modas de dança e vídeos frívolos, como o TikTok. O Boko Haram e o Estado Islâmico na Província da África Ocidental (ISWAP) já estão a usar a plataforma na Bacia do Lago Chade para apresentar programas ao vivo e responder às perguntas dos utilizadores, segundo Bulama Bukarti, analista de segurança do Tony Blair Institute for Global Change, que falava à Channels Television.

“Produções que antes levavam semanas, ou mesmo meses, para serem concluídas por equipas de redactores, editores, editores de vídeo, tradutores, designers gráficos ou narradores agora podem ser criadas com ferramentas da IA por uma única pessoa em poucas horas.”

~ Rita Katz, directora e co-fundadora do SITE Intelligence Group



O ChatGPT é apenas um dos vários aplicativos facilmente acessíveis que podem ser usados em propagandas e mensagens terroristas nas redes sociais. ILUSTRAÇÃO DA ADF

Um relatório do SITE Intelligence Group de Maio de 2024, elaborado por Rita Katz, afirma que é difícil exagerar o quanto a IA é um presente para os terroristas, devido à sua dependência dos meios de comunicação. “Produções que antes levavam semanas, ou mesmo meses, para serem concluídas por equipas de redactores, editores, editores de vídeo, tradutores, designers gráficos ou narradores agora podem ser criadas com ferramentas da IA por uma única pessoa em poucas horas.”

**“A nossa investigação previu exactamente o que estamos a observar: terroristas a utilizar a IA para acelerar actividades existentes, em vez de revolucionar as suas capacidades operacionais.”**

~ **Adam Hadley**, fundador e director-executivo da Tech Against Terrorism

Os agentes do EI estão tão encantados com a IA que a utilizaram para criar um programa de mídia chamado News Harvest para divulgar vídeos de propaganda. As transmissões mostram apresentadores de notícias geradas pela IA a discutir as operações do EI, cada uma criada com ferramentas de IA baratas e fáceis de usar, escreveu Katz.

As mesmas ferramentas agora usadas por terroristas também podem ser usadas pelos seus apoiantes, multiplicando e ampliando o alcance das mensagens extremistas com pouco ou nenhum custo ou esforço. Os observadores esperam que, à medida que os aplicativos disponíveis gratuitamente se combinam com a tecnologia de IA em rápida evolução, as ameaças só aumentam, fazendo com que as agências de segurança tenham de correr atrás, informou o jornal The Guardian em Julho de 2025.

“A nossa pesquisa previu exactamente o que estamos a observar: terroristas a utilizar a IA para acelerar as actividades existentes, em vez de revolucionar as suas capacidades operacionais,” Adam Hadley, fundador e director-executivo da Tech Against Terrorism, um grupo que trabalha para interromper actividades terroristas online, disse ao The Guardian.

As evidências mostram que os terroristas estão plenamente conscientes do poder e da capacidade que têm ao seu alcance. O EI, por exemplo, publicou um guia em 2023 sobre como usar a IA generativa com segurança, de acordo com o The Soufan Center.

Em Fevereiro de 2024, um grupo de comunicação social associado à al-Qaeda, chamado The Islamic Media Cooperation Council, anunciou um workshop sobre IA, escreveu Katz.

## REGULAMENTAÇÃO E RESPOSTA

Até ao momento, as ferramentas da IA têm ajudado grupos terroristas a aumentar o poder produtivo e o alcance das suas campanhas de propaganda e comunicação. Alguns observadores, no entanto, acreditam que a tecnologia poderá em breve ser empregue também em ataques.

O director-executivo do Middle East Media Research Institute, Steve Stalinsky, escrevendo para o Forbes Nonprofit Council em Junho de 2025, disse que alguns grupos e indivíduos já estão a falar sobre o uso da IA para organizar revoltas contra governos, fabricar armas de destruição maciça e desenvolver sistemas de armas, como “drones e carros-bomba autónomos.”

Chegou a hora, escreveu ele, de a indústria da IA chegar a um acordo sobre as melhores práticas e normas para impedir o uso por terroristas. A maioria das plataformas e ferramentas online publica termos de serviço que proíbem os utilizadores de se envolverem em comportamentos abusivos, criminosos ou outros comportamentos prejudiciais, mas a aplicação sempre foi um desafio. Os líderes da indústria não conseguiram conter a propagação do terrorismo e do ódio, escreveu Stalinsky. Portanto, os governos terão de trabalhar com a indústria na prevenção.

Em 2024, a UA adoptou a sua Estratégia



As plataformas das redes sociais como o X podem alcançar um público amplo com conteúdo gerado pela IA, oferecendo aos terroristas métodos rápidos e baratos para espalhar propaganda perigosa e argumentos de recrutamento. ILUSTRAÇÃO DA ADF





**“É preciso investir. Acho que África deve tomar algumas decisões. África vai liderar ou será liderada? É preciso investir; essa é a conclusão.”**

~ **Abdul-Hakeem Ajijola**, da Nigéria, presidente do Grupo de Peritos em Segurança Cibernética da União Africana

Continental de Inteligência Artificial para orientar a gestão da IA em África, mas o combate ao terrorismo não é uma das suas prioridades declaradas, de acordo com um artigo de Junho de 2025 de Brenda Mwale para a GNET. Mwale, advogada e especialista em legislação antiterrorismo, escreveu que, enquanto as autoridades continuam a avaliar os riscos de segurança que a IA representa, “também se deve prestar atenção às tendências emergentes em torno da exploração terrorista da IA.”

Resta saber como as nações irão responder. Entretanto, espera-se que as ameaças da IA à segurança piorem antes de melhorarem, afirmou Ajijola no webinar do Centro de Estudos Estratégicos de África.

Akoh Baudouin, oficial nacional de ligação e segurança do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento nos Camarões, afirmou no webinar que as forças de segurança africanas precisam primeiro de compreender como a IA está a ser utilizada em várias ameaças à segurança. Em seguida, elas devem ser proactivas e adaptáveis na resposta a essas ameaças, inclusive por meio de medidas de contrapropaganda.

**Acima:** Um senegalês explica como usa um site de prompt de IA para criar cenas de protesto que podem ser usadas em cartazes e publicações nas redes sociais. AFF/GETTY IMAGES

Ajijola concordou que ser proactivo é fundamental. Os países africanos devem deixar de ser consumidores passivos da tecnologia de IA para se tornarem líderes activos no desenvolvimento e nas estratégias de segurança impulsionadas pela IA. Isso pode começar com a UA e os órgãos regionais, garantindo que os países elaborem, aprovelem e harmonizem leis de segurança da IA. Em seguida, a polícia e as forças de segurança devem aprender a defesa e perícia impulsionada pela IA digital e unir forças de maneiras que permitam a partilha de inteligência, acordos de segurança e cooperação.

Tudo isso será caro, mas os custos para a segurança africana vão além do dinheiro. “É preciso investir,” aconselhou Ajijola. “Acho que África deve tomar algumas decisões. África vai liderar ou será liderada? É preciso investir; essa é a conclusão.” □



# FORÇAS GABONÊSAS

## TREINAM PARA PROFICIÊNCIA TÁTICA

EQUIPA DA ADF

**A**s Forças Armadas do Gabão, incluindo membros da Unidade Tática da Gendarmaria, do 1.º Regimento de Pára-quedistas Gabonenses e da Secção de Intervenção Especial da Guarda Republicana, concluíram várias semanas de Treino Conjunto Combinado em Libreville, no final de Junho de 2025. Soldados gabonenses trabalharam com o pessoal do 3.º Grupo de Forças Especiais do Exército dos EUA (Aerotransportado) para reforçar a proficiência tática, a interoperabilidade e parcerias duradouras. Num exercício, o pessoal gabonês avançou através de uma cortina de fumo para simular uma invasão a um edifício. Noutro, membros do regimento

de pára-quedistas utilizaram um modelo terrestre para planear o movimento. “Este treino foi sobre interoperabilidade, liderança e confiança,” afirmou o vice-chefe da missão, David Mosby, da Embaixada dos Estados Unidos no Gabão. “Incluiu táticas de pequenas unidades, cuidados médicos e o desenvolvimento de suboficiais — esses líderes indispensáveis que são a espinha dorsal das forças armadas modernas.” Ao longo do intercâmbio, ambas as forças treinaram em exercícios táticos projectados para expandir as suas capacidades operacionais. O evento também proporcionou oportunidades para aprender com as abordagens de liderança e execução de missões um do outro.







**CARRREGADOS**  
**DE**

**PERIGO**



# Os Depósitos de Armas Podem Representar Ameaças Catastróficas para os Civis, a Menos que as Autoridades Apliquem Medidas de Segurança e Protecção

EQUIPA DA ADF

**P**ouco antes do sol começar a pôr-se no céu de Lagos, na Nigéria, no dia 27 de Janeiro de 2002, um incêndio começou num mercado da cidade perto dos distritos de Isolo e Onigbongo, no norte do centro urbano.

O incêndio logo cresceu e se espalhou para o acantonamento militar adjacente de Ikeja, a maior instalação desse tipo na cidade. O calor e as chamas incendiaram as munições no depósito de armas do acampamento. Quando as balas faziam barulho, alguns temiam que outro golpe militar estivesse a acontecer.

Então, começaram as explosões. Bombas e projecteis de artilharia detonaram, lançando granadas e morteiros em milhares de casas, chovendo fogo, estilhaços, destruição e morte sobre milhares de civis aterrorizados e inconscientes.

Explosões estrondosas abalaram o solo a até 32 quilómetros de distância. Janelas estilhaçaram-se para cerca de 16 quilómetros de Ikeja. Mas o pânico foi a força mais destrutiva desencadeada naquele dia. Enquanto dezenas de milhares tentavam fugir, centenas ficaram presas na margem dos canais Oke Afa e Pako. Muitos saltaram para a água. Multidões crescentes empurravam mais centenas de pessoas.

Depois da meia-noite, as explosões pararam. Ao amanhecer, pescadores e equipas de resgate vasculharam os canais em busca de corpos, retirando-os com varas e arrastando-os para a margem. Kazeem Kasali, líder de uma equipa de resgate de pescadores, disse ao jornal *The Guardian* que ele pessoalmente recuperou 84 corpos. A sua equipa retirou mais de 300.

“Estou à procura dos meus filhos. Estou aqui desde a manhã,” Shola Odun, um tipógrafo, disse à *Agence France-Presse* (AFP) no dia seguinte ao desastre. “Eles estão a retirar os corpos daqui desde cedo. Estão a levá-los embora. Estou à procura dos meus filhos, dos meus parentes, há mais de 580 corpos. Um homem aqui perdeu seis dos seus filhos. Ele encontrou-os. Ele está a morrer.”

## Prevalente e Evitável

À medida que o sol se punha e as últimas chamas se extinguíam, mais de 1.000 pessoas — muitas delas crianças — tinham morrido no que continua a ser o desastre mais mortal de sempre num depósito de armas. Milhares de outras ficaram feridas e mais de 12.000 ficaram desalojadas, de acordo com a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.



Uma residente de Brazzaville, República do Congo, em angústia nas ruínas, um dia após a explosão de um depósito de armas em 2012 ter destruído o bairro de Mpila, naquela cidade. AFP/GETTY IMAGES

Os residentes de Lagos imediatamente condenaram o que consideraram negligência por parte das forças armadas. O então brigadeiro-general George Emdin, comandante da guarnição de Ikeja na época, emitiu um pedido de desculpas televisionado na noite do desastre.

“Em nome das forças armadas, pedimos desculpas,” disse, de acordo com uma reportagem da BBC. “Este é um antigo depósito de munições com bombas de alto calibre ... alguns esforços estavam a ser feitos recentemente para tentar melhorar as instalações de armazenamento. Mas este acidente aconteceu antes que as altas autoridades pudessem fazer o que era necessário.”

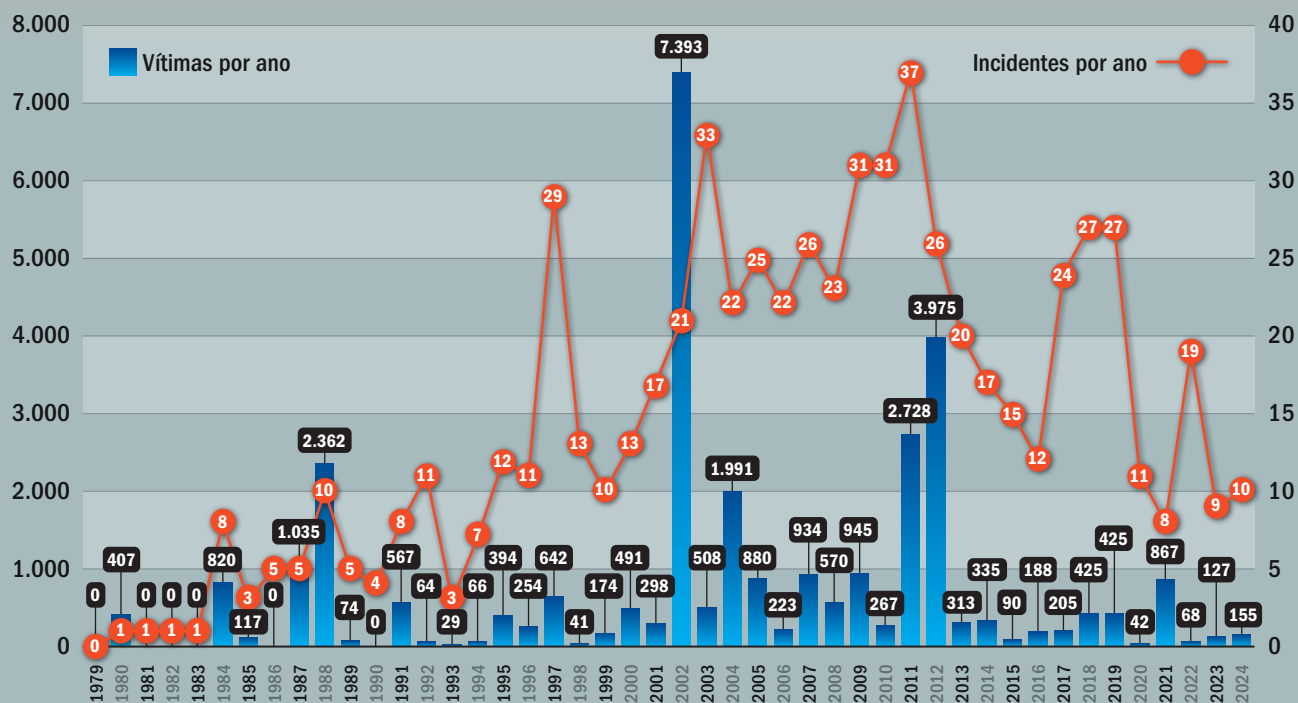
O incidente de Lagos não foi o primeiro nem o último deste tipo em África ou no mundo. De acordo com o *Small Arms Survey*, “explosões não planeadas em locais de munições” já mataram ou feriram 31.489 pessoas em todo o mundo, de Janeiro de 1979 a Dezembro de 2024. Das 674 explosões nesse período, seis das 10 com mais vítimas

## Explosões em Países em Todo o Mundo

- De 1979 a 2024, explosões em locais de armazenamento de munições feriram ou mataram mais de **31.000** pessoas.
- O maior número de vítimas ocorreu em 2002, impulsionado por uma explosão devastadora em Lagos, na Nigéria, a mais mortal já registada. O segundo ano com o maior número de vítimas foi 2012, quando ocorreu uma explosão num depósito de armas em Brazzaville, República do Congo.
- Houve **674** incidentes entre 1979 e 2024.



Cerca de 130 corpos não reclamados aguardam sepultamento perto do Canal Oke Afa, menos de um mês após um desastre num depósito de armas em Lagos, em Janeiro de 2002, que matou mais de 1.000 pessoas. AFP/GETTY IMAGES



Aviso: Alguns incidentes reportados em países afectados por conflitos nos últimos anos não foram incluídos devido à insuficiência de informações para confirmá-los como explosões não planeadas em locais de munições, de acordo com a definição do Small Arms Survey.

Fonte: Small Arms Survey



Profissionais de saúde transportam o corpo de uma pessoa morta no desastre do depósito de munições de Brazzaville. THE ASSOCIATED PRESS

ocorreram em África, incluindo os dois incidentes mais graves, segundo o Survey. O incidente de Lagos fez de 2002 o ano mais perigoso nesse período. O segundo maior número de vítimas ocorreu 10 anos depois, quando explosões abalaram um depósito em Brazzaville, na República do Congo.

A explosão de 4 de Março de 2012 matou cerca de 300 pessoas na área residencial de Mpila, feriu mais de 2.300 outras e deixou 17.000 desabrigadas, de acordo com a AFP. As autoridades acusaram 32 soldados pelo incidente, condenando seis e absolvendo 26. Um cabo foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados por atear fogo intencionalmente ao depósito.

O incidente mais recente desse tipo em África ocorreu no dia 18 de Junho de 2024, quando um depósito de armas nos arredores de N'Djamena, no Chade, explodiu, matando nove pessoas e ferindo outras 46.

Erros de manuseamento e práticas de trabalho



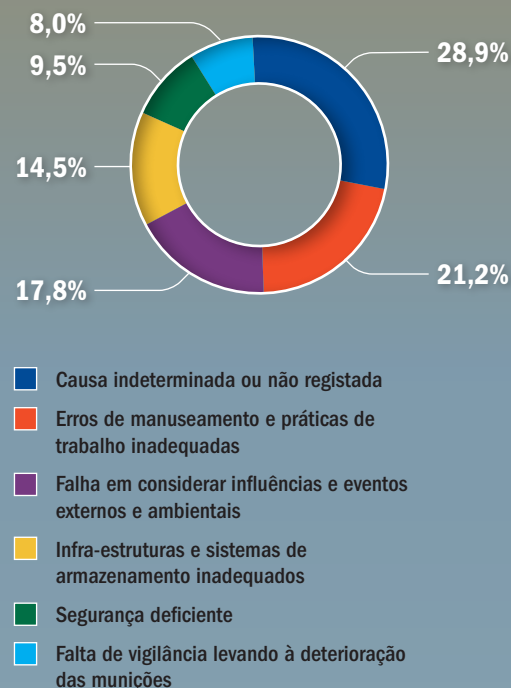
## Incidentes Com o Maior Número de Vítimas



|     |                        |                                 |       |
|-----|------------------------|---------------------------------|-------|
| 1.  | 1 de Janeiro de 2002   | Lagos, Nigéria                  | 6,500 |
| 2.  | 4 de Março de 2012     | Brazzaville, República do Congo | 3,777 |
| 3.  | 7 de Julho de 2011     | Abadan, Turquemenistão          | 1,482 |
| 4.  | 22 de Abril de 2004    | Ryongchon, Coreia do Norte      | 1,460 |
| 5.  | 10 de Abril de 1988    | Rawalpindi, Paquistão           | 1,193 |
| 6.  | 4 de Junho de 1988     | Arzamas, Rússia                 | 1,091 |
| 7.  | 21 de Dezembro de 1987 | Alexandria, Egípto              | 1,006 |
| 8.  | 29 de Abril de 2009    | Dar es Salaam, Tanzânia         | 726   |
| 9.  | 7 de Março de 2021     | Bata, Guiné Equatorial          | 705   |
| 10. | 22 de Março de 2007    | Malhazine, Moçambique           | 622   |

Fonte: Small Arms Survey

## Principais Causas das Explosões



Fonte: Small Arms Survey

**É fundamental que os depósitos de armas tenham procedimentos de segurança bem estabelecidos. As autoridades militares devem estar atentas à proximidade dos depósitos em relação às cidades e centros populacionais.**

ILUSTRAÇÃO DA ADF

inadequadas causaram um quinto desses incidentes, de acordo com o Small Arms Survey. Outras causas significativas incluíram a falha em levar em conta influências externas e ambientais, armazenamento inadequado, deterioração de armamentos e segurança deficiente.

Especialistas afirmam que procedimentos de segurança e protecção bem estabelecidos nos depósitos de armas são vitais. As autoridades militares devem estar cientes da sua proximidade com cidades e centros populacionais. Da mesma forma, os depósitos devem ser adequadamente construídos, fortificados e protegidos por dentro e por fora para evitar roubos, invasões e incêndios.

### PROTECÇÃO DOS DEPÓSITOS DE ARMAS

O controlo dos arsenais é uma parte importante da gestão de armas e munições. Pode reduzir a quantidade de armamento ilícito que chega às mãos de terroristas e prevenir explosões imprevistas. No entanto, é também a categoria

que produziu os desafios mais persistentes entre 12 países africanos inquiridos para um relatório do Instituto das Nações Unidas para a Investigação sobre o Desarmamento (UNIDIR) de 2024.

O relatório do UNIDIR lista o Benin, a Costa do Marfim e a Somália como países que fizeram progressos na gestão de arsenais. Em 2022, o Benin estava a reforçar as infra-estruturas físicas para o armazenamento de armas e munições. Em 2023, a Costa do Marfim realizou um workshop para validar a formação sobre o tema para as suas escolas de formação militar.

Em 2023, a Somália auditou a infra-estrutura, avaliou as necessidades e analisou as medidas de segurança e responsabilização. Concluiu a construção de um local de armazenamento de munições em Jazeera em Fevereiro de 2023. Em Abril de 2024, o UNIDIR informou que a Somália tinha auditado e avaliado 228 instalações de armazenamento. Também categorizou e planeou o

# Segurança dos depósitos

Depósitos de armas e munições mal conservados e com segurança inadequada podem levar a explosões catastróficas e permitir que pessoas mal-intencionadas adquiram material através de roubo e corrupção. Melhorias de baixo custo na segurança e monitorização podem aumentar significativamente a segurança. A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa oferece uma lista de medidas eficazes.



Segurança



Controlo de Acesso/Supervisão



Armazenamento

**Instalar cercas** com zonas livres em ambos os lados e um número mínimo de portões.

**As portas devem ser do tipo cofre de arsenal** ou de madeira maciça com placas de aço.

**Instalar sistemas de alerta** e prevenção de incêndios.

**Armazenar armas e munições** separadamente.

**Manter o ambiente fresco**, com exposição mínima à luz solar e vibração.

**Instalar luzes** suficientemente brilhantes para detectar actividades não autorizadas.

**Controlar as chaves** para que apenas aqueles que precisam de acesso as tenham.

**Guardas e cães devem patrulhar** em intervalos prescritos e aleatoriamente.

**Manter as janelas pequenas** e num mínimo.

**Armazenar as armas em prateleiras** em vez de montões.

**Manter um banco de dados informático** ou livro de registo de todas as armas e munições.

**Ter procedimentos em vigor em caso de perda de armas.** O pessoal deve notificar imediatamente o oficial de segurança do local, que deve preencher um relatório e agir para evitar perdas futuras.





Soldados chadianos permanecem no local de um incêndio que destruiu um depósito de munições em N'Djamena em Junho de 2024. AFP/GETTY IMAGES



Balas carbonizadas permanecem após um incêndio que atingiu munições armazenadas num depósito militar em N'Djamena, Chade, em Junho de 2024. REUTERS

armazenamento com base na atractividade das armas para os terroristas, um processo particularmente importante, numa altura em que as forças de segurança combatem o al-Shabaab.

Uma lista de medidas relativamente simples pode ajudar as forças armadas a proteger os arsenais contra ameaças ambientais e humanas. A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) estabelece uma lista de medidas que tornarão os depósitos de armazenamento de armas e munições acessíveis aos soldados e seguros para os civis nas proximidades.

Os edifícios devem ser devidamente fortificados e protegidos para permitir apenas o acesso autorizado. As portas dos cofres dos arsenais ou as portas de madeira maciça revestidas com placas de aço devem incluir batentes e caixilhos e estar bem fixas. Cadeados e ferrolhos são essenciais. As janelas e outras aberturas devem ser mínimas e estar sempre fechadas e trancadas. Todas as aberturas devem incluir dispositivos de detecção de intrusos.

A iluminação externa deve ser suficiente para dissuadir e ajudar a detectar o acesso não autorizado dentro e ao redor do local. Os guardas devem patrulhar a propriedade em intervalos regulares e fazer verificações aleatórias. Os guardas podem usar cães treinados para ajudar nas patrulhas. As verificações devem ser realizadas durante o horário de serviço e fora dele.

As cercas são essenciais. Devem ser colocadas em todo o perímetro e ter zonas livres em cada lado. Os portões devem ser reduzidos ao mínimo. As chaves devem ser emitidas apenas para aqueles que precisam de acesso para trabalho oficial, e todas as chaves devem ser registadas e inventariadas periodicamente. Limitar o acesso pode reduzir as perdas devido a roubo ou corrupção, como soldados que vendem armas a pessoas mal-intencionadas.

Os funcionários também devem gerir cuidadosamente o armazenamento de armas e munições para evitar explosões não planeadas. As directrizes da OSCE recomendam armazenar armas e munições em edifícios separados. Se isso não for possível, devem ser colocadas em salas ou contentores separados ou separadas por barreiras, como sacos de areia. As munições armazenadas podem variar entre cartuchos de espingarda e pistola a granadas, morteiros, detonadores e outros projectéis de alta capacidade. Cada um deve ser armazenado em conjunto de acordo com o tipo. Os detonadores devem ser separados de todos os tipos de munições.

A artilharia e as munições podem ser sensíveis ao calor e às mudanças de temperatura. Os depósitos de armazenamento devem ser estruturas permanentes e resistentes ao fogo, com ventilação adequada que mantenha as temperaturas abaixo de 40 graus Celsius. Quando as munições estão obsoletas ou indesejadas, a ONU recomenda o descarte por meio da destruição.

“A gestão eficaz dos arsenais garante a prontidão operacional das forças de segurança nacionais, impede o roubo ou o desvio de armas e munições pertencentes ao Estado e permite a identificação e eliminação atempadas de material obsoleto e excedente,” de acordo com o relatório do UNIDIR. □



# LIÇÕES APRENDIDAS DA **FORMA MAIS DIFÍCIL**

**Um Ex-soldado da Força de Paz do Djibouti Partilha  
Lições Aprendidas Durante um Destacamento na  
Missão da União Africana na Somália**

ABDISALAM OSMAN MUSA

**Inserção:** Soldados do Djibouti que servem na Missão da União Africana na Somália desembarcam de um avião das Nações Unidas no aeroporto de Beledweyne. AMISOM





**A** Missão da União Africana na Somália (AMISOM) durou 16 anos e foi um dos esforços de manutenção da paz mais ambiciosos da história da UA. Com seis países contribuintes de tropas e uma força de cerca de 20.000 soldados, a sua missão era derrotar o grupo terrorista al-Shabaab e transferir todas as responsabilidades de segurança para o Exército Nacional da Somália.

Hoje, a missão continua sob a bandeira da Missão de Apoio e Estabilização da UA na Somália (AUSSOM), que pretende sair do país até ao final de 2029.

Embora o al-Shabaab esteja enfraquecido e não controle o vasto território que controlava anteriormente, continua a ser uma insurgência obstinada, capaz de emboscar as forças de segurança e lançar ataques contra alvos civis. Com cerca de 7.000 a 12.000 combatentes, continua a financiar as suas operações através do tráfico ilícito e obrigando as pessoas a pagar impostos nas áreas que controla. As ligações do al-Shabaab com os rebeldes Houthis no Iémen dão aos combatentes acesso a material avançado para a fabricação de bombas e armamento, como drones.

Servi como oficial de ligação e controlo de movimentos com o contingente do Djibouti de 2014 a 2015. Tive uma visão em primeira mão dos

desafios enfrentados pela AMISOM para subjugar o al-Shabaab.

Durante a minha missão, a minha unidade de controlo de movimentos de apoio logístico e de combate foi encarregue de apoiar o batalhão do Djibouti na protecção da cidade de Beledweyne e da sua população de 55.000 habitantes, na Somália central, naquilo que era então chamado de Sector 4. Continua a ser uma área muito disputada e palco de inúmeros ataques do al-Shabaab. Após seis meses, a nossa unidade mudou-se para Jalalaqsi, na província centro-sul de Hiran, para dar relevo às tropas burundesas e também para impedir que o al-Shabaab controlasse as áreas rurais deste sector.

As lições aprendidas durante a minha missão podem fornecer soluções práticas para ajudar comandantes, oficiais e soldados a modelar sucessos e evitar erros em futuras rotações de manutenção da paz.

### **Incorporar Tempo de Descanso e Recuperação**

Os especialistas dizem que soldados descansados têm um melhor desempenho no treino e no combate. Uma consideração operacional frequentemente negligenciada, mas vital, é o descanso e a recuperação de uma unidade que realiza treino pré-destacamento. Todos os países que contribuem com tropas para a AMISOM/

Soldados da força de paz patrulham os arredores de Beledweyne, no centro da Somália.

AMISOM





Soldados do Djibouti que servem na AMISOM sentam-se na parte traseira de um veículo blindado de transporte de pessoal nos arredores de Beledweyne. A cidade foi liberta do controlo do al-Shabaab em 2011.

AMISOM



AUSSOM devem cumprir os padrões de aptidão física, saúde mental, armas e equipamentos, conforme descrito no programa de treino pré-destacamento da ONU.

A quantidade de novas informações, os rigorosos padrões de treino, os prazos apertados, o tempo longe das famílias e os longos dias de treino tornam este período estressante. Alguns comandantes e oficiais de treino, embora bem-intencionados, procuram implementar os seus próprios requisitos acima dos padrões da ONU, esgotando ainda mais os soldados já fatigados. Embora procurar “exceder o padrão” seja louvável e alguns argumentem que está no DNA dos oficiais de comando, negligenciar a inclusão de tempo suficiente para descanso e recuperação corre o risco de esgotar os soldados antes mesmo de eles começarem a sua missão de manutenção da paz na Somália.

Esta foi a situação com a minha missão. Após um ritmo rigoroso e ininterrupto de treino, recebemos de repente uma ordem de alerta para partir do Djibouti e sermos

destacados para a Somália. As missões de manutenção da paz em ambientes de alto risco exigem resistência, perseverança e foco mental aguçado. Quando recebemos a ordem de partir, a unidade estava cansada, o que colocou o nosso batalhão em risco. Se não tivéssemos recebido apoio oportuno das forças amigas que já estavam no país, toda a operação poderia ter terminado em desastre.

A unidade lutou contra o esgotamento dos soldados durante os nossos 24 meses de missão. A exposição repetida a eventos estressantes e traumáticos desgastou-nos gradualmente. O moral dos soldados diminuiu drasticamente e, eventualmente, alguns soldados começaram a desligar-se mentalmente, perdendo o foco e colocando ainda mais em risco a missão e seus companheiros.

Os comandantes e oficiais de treino devem considerar plenamente o custo do esgotamento dos soldados durante o treino pré-destacamento e trabalhar para garantir que períodos adequados de descanso e recuperação sejam incorporados ao calendário de treino. Afinal, a manutenção da paz é uma maratona e não uma corrida de velocidade. O planeamento retroactivo de um ciclo completo de descanso a partir da data de destacamento e a intercalação de ciclos regulares de descanso entre os treinos garantem que todos os soldados estejam em modo “prontos para a missão” quando pisarem o solo do país anfitrião da missão de manutenção da paz.

### Priorizar a Logística e a Liderança

Após seis meses de adaptação ao terreno em Beledweyne, recebemos o plano de operação para deslocar o batalhão 182 quilómetros para sul, para a nossa área de responsabilidade designada. Eu era o oficial de controlo de movimentos encarregado da realocação.

Transportar pessoal, alimentos, munições, materiais de construção e equipamento pesado era uma tarefa

Pessoas caminham em Beledweyne. A cidade era o quartel-general do Sector 4 da AMISOM e enfrentou repetidos ataques do al-Shabaab. AMISOM







Um soldado da força de paz das Nações Unidas supervisiona uma operação de desarmamento e desmobilização em Maloum, na República Centro-Africana, em Julho de 2025. LEONEL GROTHE/MINUSCA

## UMA MUDANÇA NA MANUTENÇÃO DA PAZ

À Medida Que as Missões das Nações Unidas Diminuem, os Esforços Regionais Esperam Aprender Com os Erros do Passado

EQUIPA DA ADF

O panorama internacional da manutenção da paz em África evoluiu na última década. Desde 2015, tem havido uma mudança constante das grandes missões multinacionais das Nações Unidas e um aumento no número de intervenções lideradas pela União Africana, blocos económicos regionais e outras alianças.

Há uma década, havia nove grandes missões de manutenção da paz da ONU em África. Em Julho de 2025, havia apenas cinco, sendo que a maior delas, a Missão de Estabilização da Organização das Nações Unidas na República Democrática do Congo, está prevista para terminar em Dezembro de 2025.

As missões da ONU não podem operar sem o consentimento dos países anfitriões e das partes em conflito. Mas, muitas vezes, essa permissão é prejudicada devido à percepção de ineficácia na prevenção da violência contra civis, à disseminação de informações falsas e a outras preocupações de segurança, de acordo com o artigo “Host-Country Consent in UN Peacekeeping” (Consentimento do país anfitrião na manutenção da paz da ONU), publicado em 2023 pelo Stimson Center, de autoria de Julie Gregory e Lisa Sharland.

As missões da ONU são destacadas sob três princípios fundamentais de manutenção da paz: consentimento das partes, imparcialidade e compromisso de usar a força apenas em legítima defesa e para defender o mandato da missão.



O Major-General Odowaa Yusuf Rageh, à direita, chefe das forças de defesa da Somália, cumprimenta um soldado ugandês que serve na Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália, em Outubro de 2025. AUSSOM

A missão da ONU no Mali, conhecida como MINUSMA, terminou após 10 anos, em Dezembro de 2023, a pedido da junta governativa do país anfitrião. Em última análise, a missão não conseguiu reverter os ataques e os ganhos de uma série de grupos terroristas. Sofreu com um mandato

instável e em expansão durante o seu período de vigência e contou com uma variedade de contribuintes internacionais de tropas, muitos dos quais tinham barreiras linguísticas e nenhum conhecimento da dinâmica local.

As operações de apoio à paz lideradas pela África, como são conhecidas, podem evitar críticas neocoloniais e, muitas vezes, são destacadas mais rapidamente, com mandatos mais flexíveis que permitem às tropas lidar melhor com ameaças transfronteiriças. No entanto, tal como as missões da ONU, o financiamento, os recursos e as relações com a população local continuam a representar desafios. Tal tem sido o caso das missões da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral na RDC e em Moçambique.

Nate Allen, professor associado do Centro de Estudos Estratégicos de África, escreveu em Agosto de 2023 que a UA e as comunidades económicas regionais (CER) devem adoptar normas para responder aos desafios de segurança transfronteiriços. Isso pode incluir a UA fornecer orientação e coordenação à Força Africana em Estado de Alerta por meio de centros de partilha de inteligência e “mecanismos para comandar, conduzir e operacionalizar operações conjuntas visando grupos específicos.”

A UA e as CER também devem treinar melhor as tropas africanas que servem em operações de paz em direitos humanos, leis de conflitos armados e como evitar e prevenir danos a civis, escreveu. Elas também devem garantir “que as componentes militares das operações de paz lideradas por África sejam integradas nos esforços de agências civis, líderes locais, actores humanitários e da comunidade internacional para abordar as causas subjacentes do conflito por meio de assistência ao desenvolvimento, ajuda humanitária e iniciativas de paz lideradas localmente.”

As operações lideradas por africanos precisarão de mais dinheiro e recursos para serem verdadeiramente eficazes. Os esforços de curto prazo pode incluir fundos de manutenção da paz da ONU para apoiar as operações africanas até que a UA atinja as suas próprias metas de financiamento, escreveu Allen.



Um soldado do Djibouti que serve na AMISOM faz uma saudação durante um desfile para marcar o Dia da Independência do seu país.

AMISOM



Soldados do Djibouti que servem na AMISOM descarregam equipamento médico doado ao hospital geral de Beledweyne. AMISOM

complexa, especialmente para um oficial subalterno. Durante a fase de preparação, consultei oficiais experientes e estudei as doutrinas logísticas dos Estados Unidos e das Nações Unidas. Apesar de todo o planeamento, as coisas não correram como esperado.

Durante o transporte de tanques em camiões de plataforma, um motorista inexperiente que conduzia em alta velocidade fez com que um tanque T-72 escorregasse e ficasse preso. Entrei imediatamente em contacto com o chefe de logística e, após uma longa discussão, decidimos usar uma escavadora para reposicionar o tanque correctamente no veículo de transporte. A situação era muito tensa, com toda a coluna parada e exposta, e havia o receio de que pudessemos ser vítimas de um ataque.

O incidente ensinou-me a certificar-me sempre de que as orientações e os protocolos de segurança adequados

são seguidos ao transportar equipamentos pesados e a garantir que o pessoal inexperiente seja supervisionado ao realizar tarefas críticas. Também aprendi que a velocidade de movimento não resulta necessariamente em eficiência. Um plano de movimento deve incluir acordos sobre velocidades seguras e consistentes.

### Movimentos de Alto Risco Exigem Comunicação Constante

Durante a operação de realocação, a nossa estratégia era mover-nos a uma velocidade inferior a 20 km/h, protegidos por duas camadas de soldados que cercavam os veículos. Isso reduziu o risco de emboscadas, mas a ausência de apoio aéreo representava uma vulnerabilidade crítica, sobretudo em áreas florestais onde se sabia que o al-Shabaab se escondia. Essa vulnerabilidade a ataques persistiu durante toda a semana da nossa relocação, pois a nossa coluna foi alvo de tiros e emboscadas várias vezes.

Em meio ao caos das emboscadas, um soldado ficou separado da sua unidade. Mais tarde, foi relatado que ele foi visto na aldeia de Nuur Fanax, onde civis o enganaram quando ele pediu ajuda. Posteriormente, os combatentes do al-Shabaab cercaram-no e mataram-no. Tentaram usar o seu corpo como moeda de troca. Apesar das comunicações indirectas com o al-Shabaab, não foi alcançado nenhum acordo para permitir a devolução do corpo.

Em operações assimétricas, particularmente em ambientes e missões com apoio tecnológico e logístico limitado, a liderança eficaz de pequenas unidades, o contacto pessoal e a comunicação constante são vitais. Rádio individuais e sistemas de rastreamento são essenciais para que os líderes de equipa mantenham a responsabilidade em tempo real pelo seu pessoal durante o combate. Esta tragédia destaca a importância de equipar cada soldado com ferramentas de comunicação fiáveis e garantir um contacto robusto entre os líderes das equipas de fogo e os seus membros. Também sublinha a necessidade de planos de contingência bem treinados para a recuperação de vítimas e o equilíbrio entre a obrigação moral de trazer para casa os nossos soldados mortos e a necessidade de evitar mais perdas.

### Engano Pode Atrair Soldados Para uma Emboscada

Um dia, antes do meio-dia, durante o movimento da coluna, o batalhão do Djibouti assumiu o controlo de Garasyaani, uma aldeia 60 quilómetros a sul de Beledweyne. Depois de neutralizar toda a resistência restante na cidade, os soldados começaram a estabelecer pontos de controlo importantes nas principais vias de entrada e saída.

Deslocámos veículos blindados de transporte de pessoal para bloquear estradas e controlar a circulação. Cerca de uma hora após a operação de limpeza, um homem idoso aproximou-se de um grupo de oficiais, incluindo eu. Ele parecia exausto e angustiado. Ele alegou que um dos nossos soldados tinha agredido a sua filha. Em resposta, a nossa equipa de liderança, juntamente com



um agente da polícia e uma soldado designada para lidar com casos sensíveis, deslocou-se a uma casa num canto da cidade para investigar a alegação.

Ao chegar, iniciámos a nossa investigação preliminar e rapidamente encontrámos inconsistências que sugeriam que a alegação era falsa. De repente, fomos emboscados por tiros disparados por combatentes do al-Shabaab. Ao responder ao fogo e confiar no nosso treino, conseguimos sair da armadilha, repelir o inimigo, reposicionar a nossa equipa e realizar um contra-ataque. Até hoje, continuo a duvidar da autenticidade do relatório inicial. No entanto, resolvemos a situação oferecendo uma compensação à família.

O incidente revelou lições importantes. A experiência ensinou-me a nunca aceitar alegações não verificadas, mesmo aquelas que envolvem apelos morais ou emocionais. É importante sempre investigar as alegações minuciosamente, mantendo a vigilância e a cautela. Também foi um lembrete de que os insurgentes não seguem as regras convencionais de combate, e os soldados da paz devem esperar o inesperado.

### **Rotas de Abastecimento São uma Linha de Vida**

Quando chegámos à Somália, o al-Shabaab tinha sido expulso da maioria dos grandes centros urbanos. Isso levou o grupo a mudar a sua tática para atrapalhar a logística, atacando as rotas de abastecimento que eram essenciais para levar abastecimentos às forças de paz e manter a economia do país em movimento. A ONU respondeu iniciando uma campanha de operações de transporte aéreo para entregar alimentos e combustível a mais de 20.000 soldados da força de paz.

Uma consequência indesejada desta iniciativa da ONU foi um aumento dramático dos custos operacionais e uma redução da disponibilidade de recursos aéreos para outras missões críticas, como evacuações médicas, reconhecimento ou operações táticas. A cessão da nossa capacidade logística terrestre ao al-Shabaab também resultou no pagamento de um imposto directamente ao grupo terrorista pela população civil, para que os bens e serviços pudessem continuar a circular pelas estradas. Esta situação acabou por minar a autoridade da AMISOM e a governação local somali.

Apesar de dispor de tropas suficientes no terreno, provenientes das forças de manutenção da paz e do Exército Nacional da Somália (SNA), garantir a segurança das principais vias continuava a ser um desafio. Para evitar ceder terreno aos terroristas e ajudar a espalhar a segurança em bolsas de território controlado pelo inimigo, recomenda-se a construção de bases operacionais avançadas (FOBs) mais pequenas, particularmente ao longo das principais estradas secundárias. Poderiam ser realizadas pequenas patrulhas e estabelecido um maior contacto com as populações locais, para ajudar o SNA a garantir a segurança do país. Essas FOBs menores, digamos, com forças do tamanho de uma companhia, também poderiam ajudar a responder às acções de “tropas em contacto” de colunas que viajam na principal

rota de abastecimento. Aumentar a pressão sobre o al-Shabaab, restringindo a sua liberdade de movimento e a sua capacidade de perturbar a economia, são acções que ajudarão a separar o grupo terrorista da população civil e, em última instância, levarão à sua derrota.

### **Aprender com Desafios para Melhorar Resultados Futuros**

A experiência no terreno ensinou-me lições difíceis, mas essenciais. Muitos problemas poderiam ser evitados através da gestão do moral e dos níveis de energia das tropas durante o pré-destacamento.

É crucial proporcionar tempo adequado para os soldados descansarem e recuperarem antes do destacamento. Pelo menos 50% do tempo de preparação deve ser dedicado ao desenvolvimento de um plano de destacamento concreto e exequível.

O treino pré-destacamento deve enfatizar a liderança de pequenas unidades, o que inclui prestar contas e cuidar dos soldados. Ensaio de exercícios de combate para recuperação de veículos, resposta a emboscadas e interações civis baseadas em cenários devem ser uma prioridade para as forças de manutenção da paz destacadas para missões perigosas. Além disso, os comandantes e oficiais de estado-maior devem trabalhar para construir uma estratégia de estabilização com a população local para garantir a sua segurança e prosperidade.

Embora alguns líderes prefiram o planeamento e o comando centralizados, acredito que é vital que os líderes de batalhão no terreno tenham plena autoridade para planejar e executar a missão no seu sector, desde que as suas acções estejam alinhadas com os objectivos gerais da missão. Durante operações de alto ritmo, os líderes a todos os níveis, desde o líder da equipa de fogo até ao comandante do batalhão, devem manter a responsabilidade, através de contagens regulares e supervisão da equipa. Simultaneamente, todos os soldados da paz devem manter a disciplina e cumprir os procedimentos operacionais padrão esperados de soldados profissionais.

O sucesso em combate não se resume apenas a lutar e libertar cidades e territórios. Os comandantes também devem possuir uma visão clara e estruturada para a fase de estabilização, incluindo operações de contra-insurgência, comunicação e apoio à população civil. Isso inclui planos para manter as principais estradas abertas e seguras, para que a actividade económica pacífica possa florescer.

Seguir esses princípios e implementar essas lições aprendidas no treino pré-destacamento pode salvar vidas e melhorar os resultados gerais da missão. □



**Sobre o autor:** Abdissalam Osman Musa é um engenheiro mecânico do Djibouti e ex-oficial de logística que serviu no Escritório de Apoio das Nações Unidas na Somália. Como tenente, foi oficial de ligação e controlo de movimentos do contingente do Djibouti na Missão da União Africana na Somália de 2014 a 2015. Actualmente, trabalha como engenheiro e gere projectos em todo o Corno de África.

*SEGURANÇA TESTADA À MEDIDA QUE*

# AS CIDADES CRESCEM





# ÁREAS URBANAS DE ÁFRICA ENCONTRAM DIFICULDADES PARA ACOMPANHAR A MAIOR EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA DO MUNDO

EQUIPA DA ADF

A população de África continua a crescer, as cidades podem enfrentar níveis sem precedentes de insegurança, interna e externa, de acordo com um estudo de 2025 do Centro de Estudos Estratégicos de África.

África é a região que mais cresce no mundo. Os pesquisadores afirmam que, até 2050, o continente terá mais 1 bilhão de pessoas, chegando a uma população de 2,5 bilhões. “Oitenta por cento desse crescimento populacional ocorrerá nas cidades,” de acordo com o relatório do Centro de Estudos Estratégicos de África “A urbanização sem precedentes de África está a mudar o panorama da segurança.” Quase metade dos africanos — mais de 700 milhões de pessoas — já vive em áreas urbanas.

O continente deverá adicionar 900 milhões de novos residentes urbanos nos próximos 25 anos, o que é mais do que a população urbana combinada da Europa e dos Estados Unidos, escreveu o investigador Kurtis Lockhart para a revista Asterisk em Julho de 2025. “A escala e a velocidade desse crescimento são historicamente sem precedentes. É uma onda que se abate sobre um continente que actualmente não tem capacidade para absorvê-la.

“Dois terços do espaço urbano que a África deverá ter em 2050 ainda precisam de ser construídos,” acrescentou. “Bairros inteiros, cidades inteiras e até mesmo grandes áreas metropolitanas e mega regiões que actualmente não existem precisarão de ser construídos em breve.”

Especialistas dizem que o desafio será construir infra-estruturas para acompanhar o crescimento e fornecer serviços de segurança, como a polícia, para combater o crime. Se esses esforços não forem bem-sucedidos, isso abrirá as portas para que os terroristas se aproveitem da situação. Alguns dos maiores e mais dinâmicos centros urbanos de África agora enfrentam graves problemas de segurança, que vão desde pequenos furtos e assaltos à mão armada até ao crime organizado.

## CRESCIMENTO DESCONTROLADO, CIDADES FRÁGEIS

A União Africana estuda o crime urbano há anos. Afirma que, embora a urbanização tenha levado a um aumento da pobreza e da desigualdade, os padrões variam significativamente. No entanto,

O distrito de Yopougon, em Abidjan, na Costa do Marfim, é uma das muitas áreas urbanas em rápido crescimento em África. AFP/GETTY IMAGES

segundo a UA, existem denominadores comuns. As pessoas que vivem em áreas urbanas densas tendem a ganhar dinheiro fora da economia formal. O sector informal — rendimentos não declarados, não sujeitos a impostos nem a benefícios sociais — representa 85% do emprego em algumas áreas.

A UA também afirmou que instituições fracas resultam em policiamento e planeamento urbano deficientes, “o que levou a mercados imobiliários e fundiários disfuncionais, o que, por sua vez, levou ao crescimento de assentamentos informais.”

O Fórum Económico Mundial afirma que as cidades africanas não estão preparadas para a explosão demográfica que se aproxima.

“Embora as cidades em África representem motores de crescimento económico, poucas estão sintonizadas com as rápidas mudanças demográficas: a maioria das pessoas nas cidades tem menos de 35 anos e as cidades não estão preparadas para o rápido afluxo de jovens migrantes,” relata o fórum.

## PROBLEMAS EXTERNOS

Factores externos em áreas urbanas congestionadas também podem influenciar a segurança. No Sudão, a guerra civil em curso acrescenta uma nova dimensão ao congestionamento e à pobreza das suas áreas urbanas.

“O Sudão pode ser um precursor deste padrão emergente,” informou o Centro de Estudos Estratégicos de África. “O Sudão é o epicentro da violência armada organizada que afecta os centros urbanos de África, sendo responsável por 38% de todas as mortes desse tipo em todo o continente.”

Estudos mostram que as insurgências militantes no Burquina Faso, Mali e Níger resultaram em 1.165 mortes em áreas urbanas em 2024. À medida que os terroristas intensificam os seus ataques nos três países, é provável que mais residentes urbanos sejam mortos ou feridos, pois os terroristas avançam para o sul e oeste, em direcção a áreas mais populosas.

A Somália também sofre influências externas. “As 644 mortes em áreas urbanas relacionadas com a violência organizada na Somália representam 12% do total de mortes neste país devastado pelo conflito,” escreveu o Centro de Estudos Estratégicos de África. “Estes incidentes — principalmente em Mogadíscio, Baidoa e Kismayo

— reflectem a dependência do al-Shabaab de formas de violência remota em áreas urbanas, incluindo drones, [dispositivos explosivos improvisados] DEI e bombardeamentos, mesmo enquanto o grupo se envolve em batalhas com as forças armadas e milícias estatais em redutos rurais.”

## MEDIDAS TOMADAS

Em 2013, a UA estabeleceu um conjunto de metas para 50 anos com o objectivo de melhorar a vida dos cidadãos em todo o continente. As metas, denominadas Agenda 2063, incluem o estabelecimento de “cidades sustentáveis, resilientes e inclusivas.”

“Esta visão só pode ser alcançada se as políticas regionais e nacionais de todos os Estados-membros da UA estiverem alinhadas com este objectivo,” a investigadora Ekeminiabasi Eyita-Onkon disse num relatório de 2022. “Embora se reconheça a importância do apoio dos Estados-membros, surgem outros desafios, nomeadamente problemas de coordenação, violência estrutural, agendas de desenvolvimento externas concorrentes para África e os desafios da implementação de políticas.”

Ela observou que as metas dão ao continente a oportunidade de repensar a sua abordagem ao desenvolvimento, incentivar a cooperação e o cumprimento em matéria de desenvolvimento e classificar as questões de segurança urbana como uma prioridade política.

No seu estudo para a Fundação Brenthurst, “Dilemas estratégicos: Reestruturar África para um futuro urbano próspero,” os investigadores Greg Mills, Jeffrey Herbst e Dickie Davis afirmaram que os problemas de segurança urbana “não podem ser deixados apenas para as forças de segurança resolverem.” Eles afirmaram que uma abordagem abrangente requer a atenção de todo o governo.

“É necessário que seja sustentada por uma narrativa comum que explique sucintamente por que razão se chegou à situação actual, o que é necessário fazer para resolver a situação e como essas acções serão concretizadas,” escreveram, acrescentando que será necessária “uma grande dose de liderança local prática, preocupada com os detalhes da implementação.”

A rápida urbanização de muitos países africanos exigirá uma reavaliação das estratégias para garantir a segurança dos cidadãos, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África. As forças policiais, que representam quase metade da segurança uniformizada em todo o continente, precisarão de melhoria no treino. As autoridades precisarão de repensar o tamanho das forças, as mobilizações e as principais responsabilidades nos centros populacionais.

Embora as forças militares e as forças de paz das Nações Unidas e de outras organizações possam ajudar na segurança das áreas urbanas, elas são apenas soluções temporárias. Proteger os cidadãos e preservar a paz nas comunidades civis é, em última análise, responsabilidade da polícia local e regional. As forças policiais têm laços locais, muitas vezes, permanentes. São investigadores, agentes da paz e colectores de provas.

Na sua forma mais eficaz, as forças policiais tornam-se parte integrante dos bairros que servem, uma prática conhecida como policiamento comunitário. É uma filosofia e estratégia em que a polícia e os membros da comunidade trabalham juntos para prevenir o crime e resolver problemas, abordando as causas, criando assim bairros mais seguros. É uma ferramenta crítica para resolver os problemas dos centros urbanos em todo o mundo.

As forças policiais comunitárias não alcançam autoridade e legitimidade automaticamente, os pesquisadores da London School of Economics and Political Science escreveram num relatório de 2025 sobre policiamento comunitário na Etiópia. Eles afirmaram que o policiamento comunitário é uma forma de construir confiança e tornar o policiamento mais eficaz e mais alinhado com as necessidades da comunidade.

“O aumento do envolvimento da comunidade ajuda a reduzir a politização do policiamento,” relataram os investigadores. “Isso é feito resolvendo as falhas dos modelos policiais convencionais e, ao mesmo tempo, enfatizando o valor da parceria com as comunidades na redução da criminalidade e no aumento da segurança pública.” Eles concluíram que ser uma parte genuína da comunidade é fundamental para “comunicar informações, reduzir tensões e aumentar a responsabilidade da polícia.”

O Quênia tem um modelo de policiamento comunitário chamado “Nyumba Kumi,” que significa “dez famílias” em Swahili. Nesse sistema, as famílias trabalham juntas para vigiar e relatar assuntos suspeitos à polícia. Um dos líderes do grupo aproveitou o sistema para construir confiança e melhorar a segurança, criando uma linha directa para que o público pudesse contactar o seu gabinete, de acordo com a Saferworld, uma organização mundial de paz e segurança sediada em Londres. Ele também estabeleceu linhas directas com unidades de resposta rápida da polícia. Em caso de ataque, as autoridades realizariam um fórum público conhecido como barasa para identificar as questões subjacentes antes de responder com força.

O sistema substituiu “uma abordagem enérgica por uma abordagem baseada na confiança e na responsabilização, que estabelece relações com as comunidades locais para obter informações,” informou a Saferworld.

Numa resolução de 2014, o Conselho de Segurança da ONU observou que as instituições policiais orientadas para a comunidade, com agentes bem treinados, são importantes para “combater o extremismo violento, incluindo através da construção de confiança e diálogo entre as autoridades estatais e as comunidades.”

Embora o policiamento comunitário, muitas vezes, seja descrito como uma abordagem suave à segurança, ele tem sido usado com sucesso em todo o mundo para reduzir o medo de ameaças à segurança, prevenir o crime e melhorar a segurança pública, de acordo com o Woodrow Wilson International Center for Scholars. Esse tipo de policiamento pode ser dividido em cinco elementos: resolução de problemas, parceria, prestação de serviços, empoderamento e responsabilização. O centro afirmou



# UNIÃO AFRICANA DEFINE OBJETIVOS PARA 50 ANOS

EQUIPA DA ADF

A União Africana há muito conhece os desafios que as áreas urbanas enfrentam. Em 2013, a UA introduziu a Agenda 2063, um plano de 50 anos para o crescimento e progresso do continente. Segundo a UA, o plano expansivo visava abordar as “transformações estruturais em curso,” incluindo o crescimento económico e o progresso social.

**A Agenda 2063 enumera sete objectivos:**

- **Um elevado nível de vida,** qualidade de vida e bem-estar para todos. O plano apoia a criação de empregos, o fim das desigualdades de rendimento e oportunidades, com apoio especial aos jovens. A UA afirma que o continente deve enfrentar o rápido crescimento populacional e a urbanização e melhorar a habitação e o acesso a necessidades básicas, como água, saneamento e electricidade, enquanto proporciona segurança social e protecção.
- **Cidadãos com boa educação e** “revoluções de competências” sustentadas pela ciência, tecnologia e inovação.
- **Cidadãos saudáveis,** alcançado através da expansão do acesso aos cuidados de saúde, sobretudo para mulheres e raparigas.
- **Economias e empregos transformados.** A UA afirmou que o continente deve utilizar adequadamente os seus recursos naturais e melhorar a produção e a industrialização, enquanto “aumenta a produtividade e a competitividade.”
- **Agricultura moderna para aumentar a proatividade e a produção.** A UA afirmou que o continente deve ser capaz de se alimentar e evoluir para se tornar um exportador líquido de alimentos.
- **Uma economia azul/oceânica para acelerar o crescimento económico,** desbloqueando o vasto potencial dos activos marítimos de África.
- **Políticas ambientalmente sustentáveis e economias resilientes.** As comunidades devem implementar medidas para gerir de forma sustentável a “rica biodiversidade, florestas, terras e águas” do continente.

## PROTEGER OS CIDADÃOS E PRESERVAR A PAZ NAS COMUNIDADES CIVIS É, EM ÚLTIMA ANÁLISE, RESPONSABILIDADE DA POLÍCIA LOCAL E REGIONAL.

que o policiamento comunitário pode ser particularmente útil para identificar comportamentos suspeitos, incluindo radicalização e extremismo, e informar prontamente os agentes da polícia.

O estudo do Centro de Estudos Estratégicos de África mostra que alguns planos para melhorar a segurança urbana já estão em vigor ou estão a ser organizados. Algumas cidades estão a investir na recolha de dados, medindo como governar melhor e tomar decisões. A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral está a trabalhar no Good Governance Africa, um projecto para desenvolver indicadores para cidades africanas, com a intenção de informar melhor os decisores sobre as áreas prioritárias para melhorias.

Vários níveis de governo em países africanos estão a desenvolver programas de formação profissional que servem de modelo para os decisores políticos urbanos. Na Nigéria, a iniciativa EdoJobs, lançada pelo governo do Estado de Edo, oferece formação profissional e serviços de colocação profissional para combater o desemprego juvenil. No Quénia, o Projecto de Oportunidades de Emprego para Jovens do Quénia, apoiado pelo governo nacional, oferece formação e subsídios empresariais a jovens. O projecto do Quénia já alcançou mais de 358.000 pessoas, e 77% delas encontraram emprego.

Na comuna de Abobo, em Abidjan, na Costa do Marfim, os comités de vigilância locais fizeram uma parceria com a polícia para lidar com o aumento do crime urbano. Esses comités actuam como intermediários entre os residentes e as autoridades policiais, promovendo a comunicação e a confiança. Essa abordagem contribui para melhorar as relações entre a comunidade e a polícia e para estratégias mais eficazes de prevenção do crime.

Uma chave para gerir os desafios de segurança da mudança demográfica urbana em África será evitar tratar bairros ou populações inteiras como ameaças à segurança, concluiu o Centro de Estudos Estratégicos de África. Historicamente, tais abordagens, como isolar áreas da cidade, despejos forçados e repressão policial, apenas aprofundam a desconfiança e tornam a mão pesada da polícia uma das formas mais prejudiciais de insegurança em cidades em rápido crescimento.

“Pelo contrário, as autoridades locais devem trabalhar para compreender estas comunidades, reconhecer o seu papel na resiliência e na vitalidade urbanas e integrá-las mais plenamente nos sistemas económicos e sociais da cidade.” □

# TRAGÉDIA

NA

# MIRA

**A Tecnologia de Drones Oferece Possibilidades no Combate ao Terrorismo, mas Requer Medidas de Segurança e Supervisão**

Um homem armado passa pelo Palácio Republicano devastado pela guerra em Cartum, Sudão, depois de ter sido recuperado pelas Forças Armadas do Sudão. THE ASSOCIATED PRESS





EQUIPA DA ADF

**OS** recentes avanços na tecnologia dos drones estão a mudar a forma de conduzir a guerra, mas estes desenvolvimentos revolucionários também estão a ultrapassar as regras éticas que regem a sua utilização.

Em todo o mundo, o uso de drones armados sem supervisão adequada resulta na morte de pessoas inocentes. Na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, ataques com drones de curto alcance na Ucrânia mataram 395 civis e feriram mais de 2.600, de acordo com um relatório das Nações Unidas de Junho de 2025. A Ucrânia é agora “o teatro de drones mais avançado do mundo,” responsável por 70% dos feridos e mortos no campo de batalha, informou o Centro de Estudos Estratégicos de África em 2025.

O Sudão tornou-se outro ponto crítico para o uso indiscriminado de drones. Ambos os lados da guerra civil demonstram uma indiferença monstruosa para com os civis nos seus ataques com drones.

“Civis inocentes do Sudão continuam a ter as suas casas, vidas e comunidades devastadas por armas utilizadas indiscriminadamente, à medida que estas caem em mãos cada vez mais descontroladas,” de acordo com um estudo do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos.

“Death on Delivery,” um relatório de 2025 sobre a guerra com drones patrocinado pela organização de investigação Drone Wars UK, afirma que estudos recentes sobre ataques mostram uma necessidade urgente de aumentar os controlos sobre a proliferação de drones armados. O relatório também observa as “falhas evidentes de responsabilidade daqueles que exportam essas armas, fornecendo-as a governos que

aparentemente têm pouca intenção de respeitar o direito humanitário internacional.”

“A extensão do sofrimento civil demonstrado neste relatório deve deixar clara a ameaça representada pela rápida expansão da guerra com drones em todo o mundo,” afirma o relatório. “Civis inocentes que vivem em conflitos, instabilidade política e insegurança generalizada agora enfrentam a ameaça adicional de ataques com drones, tornando até mesmo os aspectos mais básicos da vida quotidiana — ir ao mercado ou frequentar um local de culto — potencialmente mortais.”

Somente em África, afirma o relatório, mais de 943 civis foram mortos em pelo menos 50 incidentes em seis países entre Novembro de 2021 e Novembro de 2024.

### Substituindo os seres humanos

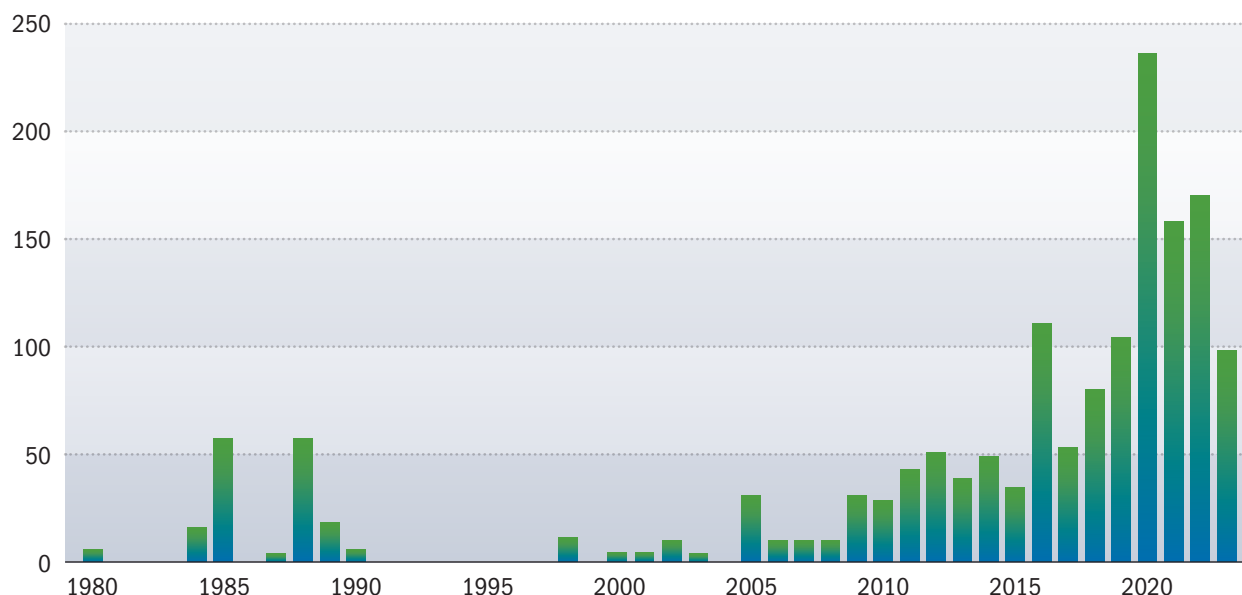
As possibilidades associadas à aplicação em massa de drones voadores, também conhecidos como sistemas aéreos não tripulados, são imensas e variadas. As forças armadas em África utilizam aeronaves pilotadas remotamente há anos para reconhecimento e recolha de informações. A sua utilização como armas é uma inovação relativamente recente.

Durante anos, os drones armados eram aeronaves de asa fixa, com o tamanho aproximado de um pequeno avião convencional. Pilotados a partir do solo, eles lançavam as suas bombas e regressavam às suas bases aéreas de origem. São comumente referidos como drones

**Civis que fogem da guerra no Sudão aguardam o registo para pedir asilo no Sudão do Sul. As Nações Unidas afirmam que os dois generais rivais que lutam no Sudão têm usado drones indiscriminadamente, matando civis.**

AFP/GETTY IMAGES

## Crescimento Exponencial nas Importações de Drones de Combate pelos Exércitos Africanos (1980-2023)



Fonte: Base de Dados Militar Africana

de média altitude e longa autonomia, ou MALE. O custo destas aeronaves diminuiu significativamente nos últimos anos. A revista *The Africa Report* afirma que os drones MALE anteriores custavam entre 12 e 30 milhões de dólares cada. As aeronaves actuais fabricadas na China podem ser vendidas por apenas 1 milhão de dólares.

Nos últimos três anos, a guerra com drones adicionou um tipo diferente de dispositivo: aeronaves pequenas e baratas, normalmente quadricópteros, que geralmente são enviadas em missões “suicidas.” Muitas vezes, estas são adaptadas a partir de drones comerciais disponíveis no mercado e podem custar apenas 300 dólares cada. Se pilotado por um operador experiente, um drone de 3 kg encontrado em lojas de hobby

Os países africanos estão a adaptar drones comerciais para os seus próprios fins. Este drone na África do Sul foi equipado com um altifalante para divulgar mensagens durante emergências.

REALTIME IMAGES/ABACA VIA REUTERS CONNECT



e electrónica pode transportar explosivos suficientes para destruir um veículo blindado, Andrii Fedorov, co-fundador e PCA da Nomad Drones, com sede na Ucrânia, disse ao jornal *The New York Post*. Os investigadores afirmam que alguns países estão a vender drones baratos sem se preocuparem com a forma como serão utilizados.

“Os drones oferecem às forças armadas da África Subsaariana um acesso mais acessível e flexível ao poder aéreo, que até agora estava fora do seu alcance devido ao seu custo e complexidade operacional,” disse Djenabou Cisse, da Fundação para a Investigação Estratégica, conforme noticiado pela *France24*. Países como a China, o Irão e a Turquia têm a vantagem de vender drones “sem impor qualquer condição política relacionada com o respeito pelos direitos humanos,” acrescentou.

Funcionários da ONU afirmam que o uso ético de drones armados não acompanhou os avanços na tecnologia dos drones. Os ataques terroristas com drones contra civis, muitas vezes, são deliberados, enquanto os ataques governamentais com drones contra civis são geralmente considerados acidentais. O resultado é o mesmo: mortos e feridos não combatentes. A ONU afirma que tal uso de drones é uma violação do princípio fundamental do direito humanitário internacional, que estabelece que os ataques só podem ser dirigidos a alvos militares. O uso indiscriminado de drones constitui um crime de guerra, concluiu a ONU.

As mortes de civis em bombardeamentos geralmente podem ser atribuídas a três factores: informações incorrectas, erros na calibração da carga explosiva e a imprecisão do uso de drones. A revista *The Africa Report*





Estudantes observam um drone civil em Abidjan, Costa do Marfim. Forças armadas e terroristas estão a adaptar drones comerciais baratos.

AFP/GETTY IMAGES



## Os drones oferecem às forças armadas da África Subsaariana um acesso mais acessível e flexível ao poder aéreo, que até agora estava fora do seu alcance devido ao seu custo e complexidade operacional.”

~ Djenabou Cisse, Fundação para a Investigação Estratégica

afirma que “questões humanas e técnicas contribuem para essas mortes.”

Tanto ou mais do que qualquer outro povo no mundo, os cidadãos do Sudão devastado pela guerra viram avanços devastadores na guerra com drones nos últimos dois anos. Quando a guerra civil sudanesa começou em Abril de 2023, os drones militares em toda a África ainda eram geralmente usados apenas para vigilância e recolha de informações. No entanto, desde então, drones baratos e facilmente disponíveis foram convertidos em soldados descartáveis que invadem do alto.

As estimativas do número de mortos no Sudão variam muito, com o Global Conflict Tracker estimando que houve até 150.000 mortes relacionadas a drones. Mais de 14 milhões de pessoas foram forçadas a abandonar as suas residências, dando origem à pior crise de deslocamento do mundo. A ONU afirma que, em meados de 2025, o país também estava no meio da “maior crise de fome do mundo.”

A ONU, em resposta às mortes e mutilações de civis por drones, particularmente na Ucrânia e no Sudão, afirma que os combatentes estão a violar os princípios básicos da decência humana. “O direito humanitário

internacional deve ser respeitado,” afirmou o coordenador de ajuda de emergência da ONU, Tom Fletcher, em Maio de 2025. “É necessário ter cuidado constante para poupar os civis e as infra-estruturas civis.”

### Convenções de Genebra

Há 75 anos que existem regras internacionais para proteger os civis do uso imprudente de armas e táticas. As Convenções de Genebra, uma série de tratados estabelecidos em 1949, constituem o núcleo do direito humanitário internacional para proteger civis e combatentes durante conflitos armados. As convenções incluem regras para garantir o tratamento humano dos civis e protegê-los contra violência, tortura e punição colectiva.

O artigo 51.º estabelece especificamente que, em tempo de guerra, a população civil e os civis individuais “devem gozar de protecção geral contra os perigos decorrentes de operações militares.” O tratado proíbe actos ou ameaças de violência destinados a espalhar terror entre a população civil. Proíbe também ataques indiscriminados, incluindo aqueles que não são dirigidos a um objectivo militar específico. A proibição inclui ataques “que sejam de natureza a atingir objectivos militares e civis ou objectos civis sem distinção.”

Embora o tratado reconheça a realidade das perdas civis na guerra, proíbe ataques que possam matar ou ferir civis e danificar propriedades, “o que seria excessivo em relação à vantagem militar concreta e directa prevista.” Também proíbe ataques de represália contra civis.

O tratado observa que os civis não podem ser usados “para tornar certos pontos ou áreas imunes a operações militares” ou para proteger objectivos militares de ataques.

### Um novo elemento na guerra

A inteligência artificial está a adicionar complicações críticas ao uso de drones armados. A ONU descreveu as armas equipadas com IA como “robots assassinos,” que lançam a morte a partir dos céus, decidindo por si próprios quem devem atacar.” Izumi Nakamitsu, chefe do Escritório das Nações Unidas para Assuntos de Desarmamento, afirma que o uso de tais máquinas com “poder totalmente delegado,” capazes de tomar decisões que tiram vidas humanas, é “simplesmente repugnante do ponto de vista moral” e deve ser proibido pelo direito internacional.

A Human Rights Watch afirmou que o uso de armas autónomas é o exemplo mais recente e grave de “desumanização digital,” com a IA a tomar “decisões que alteram vidas em questões que afectam os seres humanos, como policiamento, aplicação da lei e controlo de fronteiras.”

“É muito fácil para as máquinas confundirem alvos humanos,” disse Mary Wareham, da Human Rights Watch, conforme relatado pela ONU. “Pessoas com deficiência correm um risco particular devido à forma como se movem. As suas cadeiras de rodas podem ser confundidas com armas. Também há a preocupação de que a tecnologia de reconhecimento facial e outras medições biométricas sejam incapazes de identificar

correctamente pessoas com diferentes tons de pele. A IA ainda é imperfeita e traz consigo os preconceitos das pessoas que programaram esses sistemas.”

### Relatório: Proteger Civis

Death on Delivery descreveu os efeitos que os drones armados têm sobre os civis em todo o mundo. O relatório concluiu com seis recomendações para evitar o uso indevido desses sistemas. Embora o relatório tenha sido escrito para o Reino Unido, as suas recomendações aplicam-se a qualquer país que lida com drones armados:

- Os países que vendem drones — o relatório menciona especificamente a China, o Irão e a Turquia — devem conduzir investigações baseadas em factos sobre os danos causados a civis pela venda dos seus sistemas de drones e tornar públicas as conclusões.
- Os países que exportam drones capazes de serem armados devem reafirmar o seu compromisso com a protecção de civis em conflitos armados e “realizar avaliações muito mais rigorosas” da probabilidade de danos a civis. Nos casos em que há um histórico de violações contra civis, as exportações devem ser interrompidas, afirma o relatório.
- A comunidade internacional deve desenvolver e implementar rapidamente “um novo regime de controlo internacional” que se concentre na prevenção de danos decorrentes da proliferação de sistemas de drones.
- Os países devem trabalhar com outros países, organizações sem fins lucrativos e grupos de vítimas para estabelecer controlos internacionais rigorosos sobre a transferência e o uso de drones armados.



Fumo sai de um depósito de combustível após um ataque com drone em Port Sudan, Sudão.

HANDOUT VIA REUTERS





Estilhaços de bomba na cidade etíope de Lalibela após um ataque com drone em 2022. REUTERS



Um mural em Ouagadougou, no Burquina Faso, exorta os cidadãos a permanecerem vigilantes e em movimento. A Human Rights Watch afirma que as forças de segurança do Burquina Faso mataram dezenas de civis em ataques com drones.

THE ASSOCIATED PRESS

- Os governos devem afirmar a necessidade de transparência, supervisão e responsabilização no uso de drones armados por todos os países, o que deve incluir o registo de baixas e a ajuda às vítimas.
- Os países devem condenar explicitamente as execuções extrajudiciais com drones e afirmar a aplicabilidade do direito internacional, incluindo a Carta das Nações Unidas, o direito humanitário internacional e o direito internacional dos direitos humanos.

O uso crescente de drones por terroristas e outros actores armados não estatais em África indica que a vantagem tecnológica que os governos normalmente detêm está a ser cada vez mais desafiada, relata Nate Allen, do Centro de Estudos Estratégicos de África.

“A militarização de drones comerciais mais amplamente acessíveis pode beneficiar ainda mais os actores armados não estatais,” disse num relatório de Abril de 2025. “Para responder, as forças de segurança africanas precisarão urgentemente de adoptar capacidades de combate aos drones.” A proliferação de drones exige que os governos africanos “desenvolvam uma compreensão mais complexa dos riscos e limitações do uso de drones armados e adaptem a sua doutrina de acordo com isso,” escreveu. “Os drones estão a estabelecer-se como o sistema militar definidor do século XXI. Gerir a rápida proliferação de sistemas não tripulados, no entanto, exigirá decisões estratégicas sólidas por parte dos seres humanos.”

Num relatório de 2023, o professor Christian Enemark, da Universidade de Southampton, no Reino Unido, afirmou que, embora os drones armados “não sejam sistemas de armas intrinsecamente malignos,” a sua utilização levanta problemas mais amplos, incluindo decisões injustas de recorrer à violência nas relações internacionais, métodos indiscriminados de combate e controlo humano inadequado sobre as operações.

Enemark listou cinco princípios para o uso de

drones, começando com uma restrição de que eles só devem ser utilizados em combinação com pessoal militar em terra, embarcações marítimas habitadas e/ou aeronaves habitadas. Este princípio, chamado “Armas Combinadas,” visa impedir que os países com drones “recorram à violência com demasiada frequência.” Ele acrescentou que os drones armados só devem ser usados para proteger pessoas “que enfrentam uma ameaça imediata de danos graves.” Os seus princípios incluem manter todo o uso de drones sob o “controlo humano significativo” e garantir que haja divulgação pública de onde, por que e como os drones armados são usados. Ele também disse que os operadores devem ter o direito de “recusar razoavelmente” usar os seus drones como armas.



**A militarização de drones comerciais mais amplamente acessíveis pode beneficiar ainda mais os actores armados não estatais. Para responder, as forças de segurança africanas precisarão urgentemente de adoptar capacidades de combate aos drones.”**

~ Nate Allen, Centro de Estudos Estratégicos de África

“O compromisso de um Estado que usa drones de seguir as leis internacionais de guerra (por exemplo, a lei contra ataques a civis) é apenas um compromisso mínimo de ‘fazer a coisa certa,’” escreveu Enemark. “Numa perspectiva moral, seria melhor ir além disso. Para responder plenamente às preocupações públicas de longa data, os utilizadores de drones armados devem manter-se a um padrão mais elevado: exercer um maior grau de restrição em relação ao que é actualmente exigido por lei.” □

# MARINHA NIGERIANA

## AUMENTA A SUA FROTA

EQUIPA DA ADF

**A** Marinha Nigeriana comemorou o seu 69.º aniversário em 2025 com a entrada em serviço de três navios patrulha e três helicópteros AW109 Trekker numa cerimónia em Apapa, Lagos.

Os navios recém-entrados em serviço são o NNS Shere, o NNS Faro e o NNS Ikogosi. A Nigéria adquiriu dois navios da classe Sea Beagle de Singapura e um da Coreia do Sul. Todos chegaram à Nigéria em Dezembro de 2024, de acordo com o site defenceWeb.

Os navios de 38 metros foram projectados para patrulhar as águas costeiras da Nigéria até à zona contígua de 24 milhas náuticas e são capazes de operações prolongadas. A sua adição deverá melhorar significativamente a presença da Marinha e a resposta rápida no mar, segundo a Marinha Nigeriana.

O Ministério da Defesa adquiriu os três helicópteros AW109 Trekker no final de 2024, mas, tal como os novos navios, estes só foram formalmente comissionados em meados de 2025. Estão equipados para uma variedade de missões, incluindo reconhecimento aéreo, busca e salvamento, inserção aérea e evacuação médica.

A expansão da frota surge num momento em que a Marinha Nigeriana continua a combater o roubo de petróleo bruto através de esforços como a Operação Delta Sanity e mantém uma política de tolerância zero em

relação à pirataria. Os novos recursos foram concebidos para melhorar a capacidade da Marinha de responder a ameaças emergentes, proteger os recursos nacionais e contribuir para a estabilidade regional, informou a página da internet defenceWeb.

A Marinha também inaugurou novas habitações para o seu pessoal, reflectindo uma abordagem holística para melhorar a prontidão operacional e o bem-estar.

A cerimónia de comissionamento incluiu a inspecção de projectos em andamento em Lagos, apresentando a construção dos Barcos de Defesa Marítima IV e V na Naval Dockyard Ltd. São embarcações marítimas fabricadas localmente, construídas por construtores navais e engenheiros da Marinha Nigeriana. Os construtores concluíram o NNS Andoni em 2012 e o NNS Karaduwa em 2016. Eles terminaram o NNS Oji em 2021. A Marinha ainda utiliza as três embarcações. O quarto e o quinto barcos da série deverão ser concluídos em breve.

O Seaward Defence Boat é uma classe rápida de barcos de patrulha desenvolvida pela Naval Dockyard Ltd. para a Marinha Nigeriana. O programa projecta e constrói embarcações de patrulha indígenas para melhorar a segurança marítima no Golfo da Guiné, combater a pirataria e promover a construção naval local. Os planos iniciais previam 10 embarcações com 43 metros de comprimento.



Marinha Nigeriana coloca em serviço três navios de patrulha offshore durante uma celebração em comemoração ao seu 69.º aniversário. MARINHA NIGERIANA





Um helicóptero de combate a incêndios Bell 412 reabastece água de um lago perto de um incêndio florestal.

AFP/GETTY IMAGES

# TUNÍSIA

## Encomenda 12 Helicópteros Multiuso

DEFENCEWEB

**A** Força Aérea Tunisina encomendou 12 helicópteros Subaru Bell 412EPX para missões militares e de segurança multifuncionais.

A Bell Textron afirmou que a encomenda irá expandir a frota de asas rotativas da Tunísia, composta por 39 aeronaves Bell, incluindo Bell UH-1, 205 e OH-58. Entretanto, a Guarda Nacional Tunisina começou recentemente a operar o Bell 429. A Tunísia tem procurado novos helicópteros há dois anos.

O Bell 412EPX é usado principalmente para missões de segurança pública, utilitárias e militares, incluindo combate a incêndios, aplicação da lei, busca e salvamento, transporte médico e trabalhos utilitários e de carga em geral. Também tem sido usado para transporte de tropas. A Bell Textron disse que mais de 54% da frota global de Bell 412 realiza missões públicas e militares.

O Subaru Bell 412EPX pode transportar um piloto e 14 passageiros a uma velocidade de 122 nós e até 357 milhas náuticas. A potência provém de dois motores Pratt & Whitney Canada PT6T-9 com 1.122 cavalos de potência para descolagem.

O novo helicóptero irá aumentar a já considerável e variada frota de asas rotativas da Tunísia. De acordo com a base de dados de aviação militar Scramble, a Força Aérea Tunisina opera quase 100 helicópteros de vários modelos. A Guarda Nacional utiliza três Bell 429.

# Somália

## Recebe Helicópteros de Ataque T-129

DEFENCEWEB

**A SOMÁLIA** recebeu três helicópteros de ataque T-129 da Turquia, como parte do crescente apoio turco às forças armadas daquele país da África Oriental.

A entrega incluiu dois helicópteros utilitários para a Marinha Somali, como parte de um acordo de defesa assinado pelas duas nações em Fevereiro de 2024, que permitiu à Turquia estabelecer uma presença naval em Mogadíscio. A Turquia teria treinado pilotos somalis para operar os T-129 por cerca de um ano. Logo após chegarem à Somália, os T-129 aparentemente foram usados para atacar alvos do al-Shabaab, dando às forças armadas somalis capacidade de ataque de precisão. As aeronaves foram vistas sobrevoando Mogadíscio e outras áreas do país.

O T-129 Atak é baseado no italiano Agusta A129 Mangusta, mas possui aviônicos, software de missão e sistemas de armas desenvolvidos pela Turquia. O T-129 é equipado com dois motores turboeixo projectados especificamente para helicópteros. Está equipado com um canhão rotativo de três canos de 20 mm. Pode transportar armas como mísseis antitanque e mísseis guiados a laser de 70 mm.

O presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, disse ao presidente somali, Hassan Sheikh Mohamud, que o apoio antiterrorista da Turquia à Somália seria ampliado, de acordo com um comunicado. O al-Shabaab continua a lançar ataques contra alvos civis e governamentais.

Em meados de 2025, a Turquia tinha cerca de 500 soldados na Somália para apoiar as forças armadas somalis. Vários drones aéreos turcos Bayraktar TB2 e Akinci são usados para apoiar as forças somalis e turcas. Pelo menos dois drones Akinci foram entregues em Março de 2025. Os TB2 estão em serviço no Exército Nacional Somali desde 2022 e têm sido utilizados contra o al-Shabaab.

A Turquia continua a reforçar o seu papel na Somália, assinando um acordo de exploração energética com o país. Treinou milhares de soldados somalis e pretende treinar um terço das forças militares do país.

Dois helicópteros T-129 em voo





# PAÍSES AFRICANOS

## Recorrem à IA e aos Drones para Proteger as Fronteiras

EQUIPA DA ADF

**A África do Sul** juntou-se à Etiópia, ao Quênia, ao Sudão e à Tunísia na implantação de tecnologia avançada, como inteligência artificial e drones, para reforçar a segurança das fronteiras.

A actualização tecnológica da África do Sul inclui quatro drones quadricópteros para monitorar locais conhecidos por travessias ilegais. Os drones podem operar 24 horas por dia e usar câmaras infravermelhas para rastrear pessoas que atravessam à noite. Telémetros a laser localizam com precisão a localização dos potenciais transgressores da fronteira. Um teste de 10 dias da tecnologia feito pela Autoridade de Gestão de Fronteiras da África do Sul resultou num aumento de 61% nas apreensões de pessoas que atravessavam a fronteira.

Os especialistas acreditam que a IA pode ajudar a proteger fronteiras porosas contra traficantes, terroristas e migração ilegal.

“A questão da inteligência artificial torna-se muito fundamental, particularmente quando se trata de questões de gestão de risco, em termos de melhorar a gestão eficaz das fronteiras,” o Comissário de Segurança Fronteiriça da África do Sul, Michael Masiapato, disse numa declaração em vídeo.

A adição da IA ao conjunto de medidas de segurança nas fronteiras permite que o pessoal de segurança analise enormes quantidades de dados recolhidos nas travessias de fronteira para prever potenciais ameaças e mobilizar o pessoal de segurança de forma mais eficaz, de acordo com Kithure Kindiki, vice-presidente do Quênia. Kindiki disse numa reunião regional sobre segurança nas fronteiras, realizada em 2024, que a IA tem um papel importante a desempenhar na protecção das fronteiras.

“O uso da tecnologia, em particular da tecnologia digital, é crucial para o futuro controlo e gestão das fronteiras,” disse Kindiki. “O futuro controlo e gestão das fronteiras será impulsionado pelos dados.”

As autoridades sul-africanas utilizam um drone para monitorar a fronteira do país. LEON SCHREIBER/X

Os especialistas do Painel de Alto Nível da União Africana sobre Tecnologias Emergentes recomendam a utilização da IA para analisar imagens de passagens de fronteira em tempo real e, em seguida, armazená-las de forma segura para estudo e partilha entre agências e nações.



O Ministro do Interior da África do Sul, Leon Schreiber, segura um drone que faz a monitoria d fronteira do país. LEON SCHREIBER/X

“Desta forma, esta capacidade da tecnologia digital pode ajudar os países africanos a gerir melhor as suas fronteiras contra potenciais crimes,” escreveram os especialistas do painel numa publicação de blogue de 2021. “A adopção de tais medidas também pode garantir a paz e a estabilidade em todo o continente africano.”





## NIGÉRIA EXIBE HEXACÓPTERO ARMADO COM METRALHADORA

EQUIPA DA ADF

O Instituto de Tecnologia da Força Aérea da Nigéria (AFIT) construiu um drone hexacóptero armado com espingarda para realizar vigilância e conduzir ataques de combate precisos.

O drone, que foi exibido no Fórum das Forças Aéreas Africanas em Lagos, pode subir a uma altitude de 400 metros e cobrir 40 quilómetros em 40 minutos. O nome “hexacóptero” vem dos seus seis braços, um design que suporta uma série de funcionalidades.

O drone foi fabricado com cerca de 70% de componentes locais, incluindo hardware e software, reflectindo o objectivo de auto-suficiência defendido pelo instituto.

“Não se trata apenas de construir drones,” o professor M. Alimony, director de investigação e desenvolvimento do AFIT, disse ao jornal The Guardian. “Trata-se de desenvolver o ecossistema e a capacidade da Nigéria para responder às suas próprias necessidades de segurança e tecnológicas.”

O hexacóptero tem GPS, piloto automático, sistemas de comunicação e imagem integrados. A sua configuração suporta operações que incluem a recolha de informações e combates limitados.

O AFIT exibiu várias outras ferramentas, incluindo um “mini veículo espião inteligente” usado para operações de inteligência, um dispositivo de busca e salvamento e um veículo não tripulado para operações terrestres, informou a Military Africa. O instituto disse que está focado em criar tecnologia que atenda às necessidades de segurança exclusivas da Nigéria e permita que o sector de defesa do país se torne mais independente de fornecedores externos.

“O nosso objectivo é garantir que esta tecnologia não seja apenas produzida na Nigéria, mas que pertença à Nigéria,” afirmou Alimony.

**Acima:** Um drone hexacóptero armado com uma espingarda é exibido no 4.º Fórum das Forças Aéreas Africanas em Lagos, Nigéria, em Maio de 2025.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DA FORÇA AÉREA



## AGÊNCIA ESPACIAL E FORÇAS ARMADAS DO SENEGAL ASSINAM ACORDO DE COOPERAÇÃO

EQUIPA DA ADF

**OS LÍDERES** das Forças Armadas do Senegal e da Agência de Estudos Espaciais (ASES) assinaram um memorando que estabelece um quadro de cooperação estratégica entre os sectores de defesa e espacial.

Os líderes consideraram o acordo histórico e afirmaram que ele faz parte de uma tendência no continente de aumento da colaboração entre forças armadas e agências espaciais, numa altura em que os países reconhecem a importância da tecnologia de satélites para vigilância, comunicações seguras e segurança nacional.

“Estamos a dar hoje um passo decisivo para o futuro,” o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Senegal, General Mbaye Cissé, disse na assinatura do acordo em Junho de 2025. “Este memorando tem um grande significado estratégico.”

Fundada em 2023, a ASES tem grandes ambições. Engenheiros e técnicos senegaleses construíram o primeiro satélite do país, o Gaindesat-1A, em colaboração com o Centro Espacial da Universidade de Montpellier, da França. O satélite foi lançado em órbita em 2024. A agência planeia lançar cinco a sete satélites a partir de 2028 e espera criar um “Senegal Space Valley” como centro de inovação.

“Ao criar a ASES, o Estado do Senegal tem uma ambição clara: fazer do sector espacial uma alavanca transversal para impactar todas as áreas, com a segurança como prioridade,” afirmou Maram Kaïré, director-geral da ASES. “Esta parceria irá estimular a inovação, reforçar a nossa soberania e desenvolver as competências do futuro.”

O acordo quinquenal no sector da defesa receberá apoio técnico da Prométhée Earth Intelligence, uma empresa que fornece imagens de alta resolução da Terra em tempo quase real.

O Senegal não é o único país a associar o trabalho dos seus sectores de defesa e espacial. A Nigéria criou a Administração Espacial de Defesa para apoiar a segurança nacional através da utilização de satélites. O Egipto lançou um satélite conhecido como TIBA-1 para comunicações militares.



O Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Senegal, General Mbaye Cissé, e Maram Kaïré, Director-geral da Agência Senegalesa de Estudos Espaciais, assinaram um memorando de entendimento promovendo a cooperação.

AGÊNCIA SENEGALESE DE ESTUDOS ESPACIAIS

# ETIÓPIA E MARROCOS REFORÇAM LAÇOS MILITARES

EQUIPA DA ADF

**A** Etiópia e o Marrocos assinaram um acordo de cooperação militar com o objectivo de reforçar os laços de defesa, através de treinos conjuntos, exercícios, investigação científica e programas de saúde militar. O acordo estabelece uma comissão militar conjunta para supervisionar a sua implementação.

A Ministra da Defesa da Etiópia, Aisha Mohammed Mussa, e Abdellatif Loudiyi, ministro marroquino responsável pela Administração da Defesa Nacional, assinaram o acordo no dia 17 de Junho de 2025, em Rabat, Marrocos.

Várias semanas antes da assinatura, a Etiópia recebeu uma delegação de alto nível de oficiais marroquinos no Complexo de Engenharia de Munições de Homicho e no quartel-general da Força Aérea Etíope, onde foram informados sobre os esforços da Etiópia para melhorar a produção de defesa e a prontidão operacional.

“Tanto a Etiópia como Marrocos se comprometeram a cooperar na paz e segurança de África,” o Major-General Teshome Gemechu, director-geral de relações externas e cooperação militar da Etiópia, disse à Addis Media Network. “As instituições militares de ambos os países manifestaram um forte interesse em partilhar experiências, particularmente em transferência de tecnologia, segurança cibernética e Marinha.”

A Ministra da Defesa da Etiópia, Aisha Mohammed Mussa, à direita, participa numa cerimónia de assinatura com Abdellatif Loudiyi, ministro marroquino responsável pela Administração da Defesa Nacional. AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DA ETIÓPIA

A medida surge após uma visita do Rei Mohammed VI de Marrocos em 2024, durante a qual os dois países assinaram uma série de acordos sobre questões que incluem serviços aéreos, comércio, tributação, investimento, agricultura e energias renováveis. Marrocos tem procurado aprofundar os laços com a África Subsaariana nos últimos anos, particularmente desde que voltou a aderir à União Africana em 2017.

A Etiópia e o Marrocos partilham objectivos de segurança, tais como impedir a propagação de grupos terroristas e dismantlar redes de crime organizado que operam na África do Norte e no Corno de África.

“Ao reforçar a sua cooperação militar com a Etiópia, o Marrocos pretende garantir interesses comuns e bloquear qualquer tentativa de ameaçar esses interesses, bem como enfrentar as ameaças e os desafios comuns que o continente africano enfrenta no seu conjunto, tais como o crime organizado e o terrorismo,” o jornalista Mohammed Mamouni Al-Alawi escreveu no site de notícias Atalayar.





## Gana Planeia Investimento Militar de um Bilhão de Dólares num Novo Programa de Formação Civil

EQUIPA DA ADF

**N**uma nova iniciativa, o Gana ofereceu aos licenciados universitários a oportunidade de experimentar como é servir nas forças armadas. Os licenciados interessados podem inscrever-

-se num curso de formação básica de seis semanas que testará a sua disciplina, resiliência e trabalho em equipa, “ao mesmo tempo que promove uma maior apreciação dos imperativos de segurança nacional,” disseram as Forças Armadas do Gana.

Um grupo inicial de 10.000 voluntários está a participar no curso, que começou no dia 31 de Agosto de 2025 e foi concebido para treinar jovens ganeses em resposta a emergências, segurança e responsabilidade cívica.

“Este programa não é obrigatório; é voluntário,” disse o então Ministro da Defesa, Dr. Edward Omane Boamah. “Aqueles que se inscreverem adquirirão competências valiosas para a vida que vão além da orientação militar. Trata-se de serviço, disciplina e prontidão para apoiar os esforços nacionais de emergência.”

Todos os graduados do ensino superior ganeses são obrigados a concluir 12 meses de serviço nacional.

As Forças Armadas do Gana também anunciaram um plano para recrutar 12.000 novos membros nos próximos quatro anos e investir um bilhão de dólares para melhorar a prontidão e modernizar. O plano de 15 pontos inclui novos recursos aéreos, drones aéreos, a construção de 10.000 unidades habitacionais, novos veículos tácticos, coletes à prova de bala e sistemas de comunicações digitais.

“A nossa força reside não apenas nas nossas armas, mas também na nossa unidade, na nossa resiliência e no nosso compromisso inabalável com o progresso do Gana,” Boamah disse ao anunciar o plano. “Vamos avançar juntos com as Forças Armadas do Gana como nossos guardiões da paz e arquitectos da prosperidade.”

**Membros das Forças Armadas do Gana marcham durante o desfile do Dia da Independência, no dia 6 de Março de 2025, em Acra.** AFP/GETTY IMAGES

## Quênia Envia Mensagem aos Bandidos Com a Destruição de Armas de Fogo Ilegais

EQUIPA DA ADF

**A**s Forças de Defesa do Quênia destruíram 6.000 armas de fogo ilegais em Ngong, no Condado de Kajiado, num evento que contou com a presença do presidente William Ruto.

Esta acção faz parte da luta do governo contra a proliferação de armas ligeiras e de pequeno calibre que alimentam o banditismo e a violência intercomunitária em algumas partes do país. As armas de fogo foram recuperadas entre 2022 e 2025, com a maioria entregue

voluntariamente pelo público, através de programas de amnistia e campanhas comunitárias de desarmamento. As autoridades também recuperaram um número significativo em operações de segurança direccionadas.

“Elogio tanto as nossas agências de segurança como os cidadãos responsáveis, incluindo líderes religiosos e comunitários, cujo espírito cívico e patriótico tornaram possível este marco nacional,” disse Ruto. “Graças aos seus esforços, as nossas famílias, comunidades e nação estão mais seguras.”

O Quênia está inundado de armas ilegais, com cerca de 650.000 em circulação. As armas alimentam a violência, particularmente na região de Northern Rift, onde o roubo de gado e as disputas por pastagens levam a derramamento de sangue. Mais de 300 quenianos morreram em violência relacionada com roubo de gado num ano, de acordo com um relatório do Centro Nacional de Investigação Criminal de 2024.

O evento de destruição de armas coincidiu com o 20.º aniversário do Centro Regional sobre Armas Ligeiras e de Pequeno Calibre, uma organização internacional que apoia iniciativas de desarmamento em 15 países no Corno de África e nos Grandes Lagos.

“Uma arma de fogo nas mãos erradas não é apenas uma arma potente, é um ataque directo à segurança dos nossos cidadãos, à estabilidade da nossa sociedade e à paz que trabalhamos tão diligentemente para construir,” disse Ruto. “Não permitiremos que a violência se enraíze nas nossas comunidades. O nosso compromisso de desarmar aqueles que ameaçam a nossa paz é inabalável!”



FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA



O Chefe das Forças de Defesa do Quênia, General Charles Kahariri, à esquerda, cumprimenta o Presidente William Ruto durante um evento para destruir armas ilegais. FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA



# CEDEAO

## Lidera a Iniciativa de Paz e Segurança

EQUIPA DA ADF

A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e outros grupos lançaram iniciativas no valor de mais de 140 milhões de dólares para reforçar a competitividade comercial e o acesso ao mercado, bem como melhorar a paz e a segurança, a capacidade institucional e o comércio de serviços em toda a África Ocidental.

As iniciativas apoiam a CEDEAO na abordagem dos desafios de segurança e governação, concentrando-se em quatro elementos: melhorar a detecção precoce de conflitos, a reforma do sector da segurança, o apoio eleitoral e os processos de paz inclusivos.

A CEDEAO lançou as iniciativas, co-financiadas pela União Europeia, Alemanha e Espanha, num evento na sua sede em Abuja, na Nigéria. O evento reuniu mais de 80 altos funcionários e parceiros de toda a África Ocidental e Europa, segundo noticiou o The Sierra Leone Telegraph. Outras organizações internacionais também estão envolvidas na iniciativa.

“A Comissão da CEDEAO desempenha um papel fundamental na garantia da cooperação regional, na promoção da integração na África Ocidental e na manutenção da paz e da segurança,” afirmou María Higón Velasco, da embaixada espanhola na Nigéria. “Os projectos apresentados hoje apoiam a

capacidade da organização de conduzir um diálogo transparente e uma coordenação com os Estados-membros, os parceiros de desenvolvimento e as organizações da sociedade civil na região, facilitando assim a consecução dos objectivos da Visão 2050 da CEDEAO.”

A Visão 2050 criou o Fundo de Paz da CEDEAO para apoiar iniciativas de prevenção, gestão e resolução de conflitos, manutenção da paz, consolidação da paz e recuperação, “ao mesmo tempo que desenvolve as capacidades das partes interessadas relevantes para promover a paz duradoura e a segurança humana em toda a região da África Ocidental.”

Uma parte, o Programa Africano de Competitividade Comercial e Acesso ao Mercado, aumentará o comércio sustentável entre África e a UE e intra-africano, melhorando o acesso ao mercado e a competitividade comercial das empresas da África Ocidental em “cadeias de valor seleccionadas de elevado potencial,” informou o Telegraph.

“O reforço do comércio intra-africano na Zona de Comércio Livre Continental Africana e o reforço do comércio África-UE são mais importantes do que nunca,” afirmou Gerd Müller, da Organização das Nações

Soldados da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental patrulham a Gâmbia durante uma missão para garantir a segurança do país em 2017. AFP/GETTY IMAGES

Unidas para o Desenvolvimento Industrial, conforme noticiado pela ONU. “É fundamental criar empregos, melhorar os meios de subsistência e desenvolver cadeias de abastecimento regionais e internacionais justas e sustentáveis.”

Pamela Coke-Hamilton, do Centro de Comércio Internacional, afirmou que um dos objectivos é melhorar a competitividade das pequenas e médias empresas da África Ocidental.

“Estes últimos investimentos na região, incluindo através do Programa Africano de Competitividade Comercial e Acesso ao Mercado, sinalizam o nosso compromisso comum com uma África Ocidental mais resiliente e próspera, em linha com as prioridades definidas pelos países da África Ocidental,” afirmou. “Juntos, trabalharemos para desbloquear o acesso ao mercado e impulsionar a competitividade das exportações das pequenas empresas em sectores-chave, apoiando o desenvolvimento sustentável e impulsionado pelo comércio.”





## Gâmbia e Libéria Partilham Caminhos para a Paz

NAÇÕES UNIDAS

**O**radores da Gâmbia, da Libéria e do pequeno país asiático de Timor-Leste partilharam as suas jornadas do conflito à estabilidade durante uma comemoração do 20.º aniversário da Comissão de Consolidação da Paz das Nações Unidas.

“Nos últimos 20 anos, a Comissão de Consolidação da Paz apoiou mais de 30 países e regiões,” ajudando a promover estratégias nacionais de consolidação da paz e a coordenação dos doadores, disse a vice-Ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Serap Güler, no seu discurso de abertura em Junho de 2025, em Nova Iorque.

A ONU criou a comissão, um órgão consultivo intergovernamental que apoia os esforços de paz em países que emergem de conflitos, em 2005. Embora não envie tropas nem realize missões, a comissão desempenha um papel essencial de consultoria e coordenação, com foco nas dimensões de longo prazo da paz, incluindo governação, justiça,

Um trabalhador rega cajueiros fora de uma fábrica em Tanji, Gâmbia, em Junho de 2025. O país fez avanços económicos desde o início das reformas em 2017. AFP/GETTY IMAGES

reconciliação, construção de instituições e desenvolvimento sustentável. É composta por 31 países-membros. “Hoje, a Gâmbia partilha com orgulho a sua experiência como testemunho do que pode ser alcançado através de uma cooperação multilateral eficaz, da apropriação

nacional e da resiliência de um povo determinado a trilhar um novo caminho,” afirmou o então Ministro dos Negócios Estrangeiros da Gâmbia, Mamadou Tangara. Ele disse que a intervenção da comissão num momento crítico da história da Gâmbia não foi apenas histórica, mas também um exemplo marcante de diplomacia preventiva e solidariedade internacional.

A Gâmbia emergiu de mais de duas décadas de desafios governamentais e repressão, lançando um esforço nacional para restaurar a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito. Após o impasse político de 2017, o governo gambiano iniciou uma transição abrangente para a governação democrática e a resiliência e buscou o apoio da comissão, uma parceria que se mostrou fundamental para permitir uma transição democrática pacífica.

A ex-presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, ganhadora do Prémio Nobel da Paz, contou uma história semelhante sobre o seu país.

“A história da Libéria é de dor, mas também de promessa — uma nação que já foi levada à ruína por um conflito prolongado agora é um testemunho do que é possível quando a vontade nacional é acompanhada pela solidariedade internacional,” disse numa mensagem de vídeo.

## Conselho da União Africana Apela à Paz no Sudão do Sul

EQUIPA DA ADF

**O** Conselho de Paz e Segurança da União Africana reafirmou o seu compromisso com o processo de paz no Sudão do Sul e apelou a um diálogo renovado.

Innocent Shiyo, da Tanzânia, reiterou a responsabilidade colectiva do conselho e de todas as partes interessadas em proteger as conquistas do Acordo Revitalizado para a Resolução do Conflito no Sudão do Sul. Ele disse que, embora tenha havido progresso, “a implementação abrangente do acordo continua a ser dificultada por desacordos políticos persistentes e desafios de segurança,” informou o Daily News da Tanzânia.

O panorama político e de segurança do Sudão do Sul continuou a deteriorar-se desde que a violência recomeçou em Março de 2025, com um ataque à base das Forças de Defesa Popular do Sudão do Sul em Nasir pelo grupo miliciano conhecido como Exército Branco. Segundo consta, este grupo está associado ao Movimento de Libertação do Povo do Sudão em Oposição. O ataque é considerado o maior revés desde a adopção do acordo em 2018, de acordo com o grupo de pesquisa Amani Africa.

“Desde então, a situação degenerou em confrontos militares, detenções de alto nível, envio de tropas ugandesas e aumento da violência,” relatou a Amani Africa. “Estes desenvolvimentos comprometeram gravemente o processo de transição.”

Numa reunião da UA em Junho de 2025 na Etiópia, Shiyo afirmou que, em parceria com grupos regionais e as Nações Unidas, a UA tem envidado esforços diplomáticos sustentados para reconstruir a confiança e promover o diálogo, sublinhando o compromisso do continente com o processo de paz no Sudão do Sul. Ele exortou os líderes do Sudão do Sul a demonstrarem um compromisso renovado e tangível com a implementação plena e fiel da resolução, considerada o quadro mais legítimo

e inclusivo para promover a reconciliação nacional, a transição democrática e a paz sustentável, informou o Daily News.

Funcionários da UA afirmaram que o aumento da violência incluiu Nasir e áreas circundantes nos Estados do Alto Nilo, Jonglei e Unity, o que ameaça desfazer os frágeis ganhos alcançados ao abrigo da resolução. O conselho condenou veementemente as violações do cessar-fogo e os abusos de direitos humanos, incluindo a detenção de líderes políticos e ataques direccionados a civis. O conselho enfatizou a necessidade de salvaguardar a integridade do acordo de paz, garantindo a libertação imediata e a reintegração dos detidos políticos.

Agentes da polícia militar do Sudão do Sul patrulham uma área perto de Juba. AFP/GETTY IMAGES





Trinta militares moçambicanos concluíram um programa de formação em manutenção com instrutores europeus.

MISSÃO DE ASSISTÊNCIA MILITAR DA UNIÃO EUROPEIA EM MOÇAMBIQUE

## Treino Técnico Melhora Habilidades das **FORÇAS MOÇAMBICANAS**

EQUIPA DA ADF

**As** Forças Armadas de Defesa de Moçambique têm uma parceria com instrutores europeus para promover conhecimentos militares, mecânicos e técnicos num programa de manutenção logística de três semanas.

Uma equipa de mentoria e formação das Forças Armadas Francesas na Zona Sul do Oceano Índico, com sede na Ilha Reunião, trabalhou com a Missão de Assistência Militar da União Europeia em Moçambique para gerir o programa para as forças moçambicanas, também conhecidas como FADM, informou a defenceWeb. O programa proporcionou formação prática em manutenção a 30 mecânicos na escola de condução militar de Maputo.

A missão da UE também conduziu um programa de abastecimento e gestão de transportes na escola, melhorando os níveis de competência de um oficial e 30 suboficiais. O programa foi concebido para reforçar as capacidades logísticas em contextos operacionais cada vez mais exigentes, dotando o pessoal de competências essenciais para garantir a movimentação, a manutenção e

o reabastecimento eficazes das forças.

A missão da UE também gere um programa de elementos de comando administrativo preparado especificamente para o pessoal das FADM. As autoridades afirmaram que o programa administrativo é “um investimento concreto na modernização da estrutura de comando das FADM e na eficiência administrativa.”

Um programa administrativo de acompanhamento abordou temas como combate ao terrorismo, cooperação civil-militar, direito humanitário internacional e aspectos médicos militares, informou a página da internet defenceWeb.

A UE estabeleceu a missão em 2021 para ajudar com os problemas em curso na província de Cabo Delgado, que tem sido assolada por violência, ciclones e agitação social. A missão apoia a consolidação da paz, a prevenção de conflitos e o apoio ao “diálogo, ajuda humanitária e cooperação para o desenvolvimento,” de acordo com as Nações Unidas. A missão também treina e apoia as forças armadas de Moçambique para proteger civis e restaurar a segurança. A UE prorrogou a missão até Junho de 2026.



# Somália e UA Recuperam Aldeias

DEFENCEWEB

O Exército somali e a Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália trabalharam em conjunto para recuperar aldeias estratégicas do grupo terrorista al-Shabaab.

Soldados da Silent Storm, uma operação conjunta de três dias, recapturaram as aldeias de Anole e Sabiid. Funcionários da Missão da UA afirmaram que a operação tinha como objectivo libertar áreas controladas pelo grupo terrorista.

“Vários combatentes do al-Shabaab foram neutralizados durante um cerco prolongado aos seus esconderijos nas aldeias,” lê-se num comunicado de imprensa, que acrescenta que as forças conjuntas “apreenderam uma quantidade substancial de munições dos militantes em fuga.” A força-tarefa conjunta também removeu dispositivos explosivos improvisados colocados nas comunidades e ao longo das rotas de abastecimento.

O brigadeiro-general ugandês Joseph Semwanga afirmou que a região foi alvo porque “se tornou um local estratégico desde Março, onde os terroristas planeiam ataques mortais, escondem munições, incluindo veículos para dispositivos explosivos improvisados transportados por veículos, e estabelecem postos de controlo ilegais para extorquir os residentes locais.”

Na sequência da operação inicial de três dias, os soldados garantiram a segurança das áreas e aldeias recapturadas e eliminaram bolsas de terroristas do al-Shabaab do distrito de Afgooye, em Lower Shabelle, de acordo com o Major-General Sahal Abdullahi Omar, comandante das forças terrestres da Somália.

A UA estabeleceu a última missão em Janeiro de 2025, substituindo a Missão de Transição da UA na Somália. A missão concentra-se em apoiar as forças de segurança somalis, enfraquecer grupos terroristas como o al-Shabaab, estabilizar as áreas recuperadas e preparar a Somália para assumir total responsabilidade pela segurança.

A força autorizada tem sido de até 12.000 militares, incluindo 680 agentes da polícia. A missão tem sido severamente subfinanciada desde a sua criação, com um défice de 73,7 milhões de dólares em Junho de 2025.

Recrutas do Exército Nacional da Somália treinam numa base a norte de Mogadíscio, em Abril de 2025. GETTY IMAGES



## Cooperação é Fundamental para Reduzir Pirataria, Diz Estudo

DEFENCEWEB

Embora tenha havido uma queda na pirataria no Golfo da Guiné, os marinheiros ainda enfrentam “riscos significativos,” alertou o Gabinete Marítimo Internacional num relatório sobre pirataria e assaltos à mão armada contra navios.

O relatório abrangeu os primeiros seis meses de 2025 e apontou o Estreito de Singapura como o actual ponto crítico de pirataria e assaltos à mão armada no mundo, com 57 incidentes. Isso representa um aumento em relação aos 15 incidentes registados no mesmo período de 2024. O estreito de 98 milhas náuticas entre o Mar da China Meridional e o Estreito de Malaca foi responsável por mais de 60% de todos os incidentes registados a nível mundial, de acordo com o gabinete.

Em todo o mundo, foram registados 90 incidentes de pirataria e assaltos à mão armada no primeiro semestre de 2025, um aumento de 50% em comparação com o mesmo período em 2024 e o maior número de incidentes registados nos períodos correspondentes desde 2020. Os piratas abordaram 79 embarcações, incluindo quatro sequestros, tentaram seis outros ataques e dispararam contra uma embarcação. No que diz respeito aos tripulantes dos navios, 40 foram feitos reféns, 16 foram sequestrados, cinco foram ameaçados, três foram agredidos e o mesmo número ficou ferido.

O Golfo da Guiné continua a ser uma área que exige extrema cautela. Doze incidentes e 87% de todos os sequestros foram registados no Golfo da Guiné entre Janeiro e Junho de 2025. O gabinete afirmou que a forte cooperação das autoridades da África Ocidental e das marinhas internacionais no Golfo da Guiné foi essencial para melhorar a segurança marítima.

“Os incidentes no Golfo da Guiné continuam a manter-se em níveis baixos, com as autoridades regionais a serem elogiadas pelos seus esforços e encorajadas a mantê-los,” afirmou o gabinete. “Foram registados doze incidentes, em comparação com 10 e 14 no mesmo período nos últimos dois anos. Embora esta tendência seja digna de aspiração, a segurança e o bem-estar das tripulações ainda não estão garantidos.”

O gabinete afirmou que as medidas positivas tomadas pelas marinhas internacionais no Golfo de Áden e ao largo da costa leste/sul da Somália, no Oceano Índico, no Mar Arábico e noutras áreas, incluindo táticas preventivas e disruptivas de combate à pirataria, reduziram o número de ataques.

Membros da Guarda Costeira do Djibouti realizam um exercício de interdição da pirataria em Maio de 2025.

ESPECIALISTA MICHEALA MALDONADO/EXÉRCITO DOS EUA



Uma gravura em madeira de 1882 mostra uma aldeia Songhai perto de Hombori no que é hoje o Mali.

# IMPÉRIO SONGHAI GOVERNOU O RIO COM A MARINHA

EQUIPA DA ADF

Askia, o Grande, governou o maior império da história da África Ocidental. No final do século XV, o seu Império Songhai estendia-se desde o Oceano Atlântico até ao que é hoje o Níger.

Uma das suas ferramentas para a expansão e o domínio era a sua marinha, uma raridade na África daquela época.

Nascido Askia Muhammad Ture I, ele liderou o caminho para África expandir o comércio com a Europa e a Ásia e, cedendo à vontade do seu exército, fez do Islão uma componente fundamental do seu domínio. Ficou conhecido como Askia — “o poderoso” — e é hoje lembrado como Askia, o Grande, o terceiro governante do império.

A sua marinha era uma componente crítica do poder militar e comercial do império, operando principalmente no Rio Níger. Embora não fosse concebida como uma verdadeira força militar, Askia mantinha-a cuidadosamente e utilizava-a estrategicamente. A sua marinha utilizava o rio como um sistema de defesa natural e uma componente vital para o transporte, a comunicação e a vantagem militar. Um oficial da marinha comandava a frota, que operava a partir de uma rede de portos fluviais, incluindo Gao e Kabara. Os

funcionários do governo administravam os portos, supervisionando a frota e controlando as taxas de entrada e saída. Com este sistema, o controlo militar era uma componente da regulação económica.

A marinha utilizava uma variedade de barcos, incluindo grandes navios de carga chamados Kanta, que tiveram origem no povo Sorko, primeiros mestres do comércio fluvial. Os Sorko utilizavam os seus barcos para transporte, pesca e caça. Os relatos variam, mas acredita-se que os navios Songhai Kanta podiam transportar até 30 toneladas, uma carga equivalente a 1.000 homens ou centenas de camelos ou gado. Algumas referências históricas dizem que pode ter havido barcos Kanta com o dobro desse tamanho. Essa capacidade permitiu aos Songhai manobrar tropas, abastecimentos e mercadorias de forma eficiente ao longo do rio, o que era essencial para campanhas militares e comércio.

Askia usou a sua marinha para campanhas de expansão terrestre. A frota podia mover rapidamente tropas e apoio logístico, que eram cruciais para governar vastos territórios e controlar rotas comerciais. As forças militares do império incluíam divisões de cavalaria e infantaria. Essa organização

era fundamental para proteger os interesses comerciais do império, principalmente o lucrativo comércio transaariano de ouro, sal e escravos.

Askia incentivou parcerias entre os comerciantes do seu império, com as suas forças armadas a protegê-los. Ele implementou um sistema universal de pesos e medidas em todo o império. Uma das suas primeiras grandes ações como governante foi formalizar o sistema jurídico, incorporando a lei islâmica para ajudar a unificar o seu domínio. O império de Askia evoluiu para um centro de aprendizagem, atraindo estudiosos, poetas e artistas de todo o mundo islâmico. Os historiadores dizem que as suas universidades e bibliotecas se tornaram centros de conhecimento que rivalizavam com cidades como Bagdade e Cairo.

Ele manteve o seu vasto território unido com um sistema administrativo altamente organizado. O governo central nomeou governantes locais para garantir a lealdade e a administração eficiente. Ele dividiu o império em quatro regiões e nomeou um vice-rei para governar cada uma delas, mas também encheu o seu governo com seus parentes. Dentro do seu reino, a maioria das famílias proeminentes tornou-se parente.

O seu governo teve um custo. Os seus avanços e a vasta burocracia eram caros, exigindo uma classe crescente de novos aristocratas. Estes, por sua vez, dependiam do trabalho forçado e da escravatura para produzir alimentos, suprimentos e armas. Askia não hesitou em governar pela força, executando qualquer pessoa que ameaçasse a sua autoridade.

Askia sobreviveu à sua capacidade de governar. Ele ficou cego à medida que envelhecia, mantendo isso em segredo do seu reino durante anos. Os seus filhos derrubaram-no, exilando-o numa ilha no Rio Níger. Morreu em 1538, aos 94 ou 95 anos.

Os seus sucessores não tinham o seu talento organizacional. Nos anos após a sua morte, as forças armadas e a marinha de Songhai não conseguiram acompanhar as mudanças tecnológicas e não puderam combater as ameaças externas. A dinastia Saadi de Marrocos invadiu em 1591, usando armas de fogo e artilharia que superavam as armas obsoletas de Songhai. Esta diferença bélica contribuiu para a derrota de Songhai na Batalha de Tondibi, apesar do seu número superior. Isso, por sua vez, marcou o fim do Império Songhai.



# DICAS

- 1** Este local, no que hoje é o Quênia, foi uma das cidades Swahilis mais importantes da África Oriental entre os séculos X e XVII.
- 2** O povoado tinha dois anéis de muralhas, edifícios públicos e privados, túmulos, um complexo palaciano e uma mesquita.
- 3** Os edifícios domésticos, cívicos e religiosos estavam dispostos num padrão de ruas em grade dentro das muralhas internas. O espaço entre as muralhas internas e externas abrigava casas modestas onde vivia a maioria dos residentes.
- 4** Evidências de artigos de luxo importados da China, Índia, Pérsia e Veneza demonstram o papel da cidade nas redes de comércio internacional.





## PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

### Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

## Normas para Publicação de Artigos na ADF

### REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

### DIREITOS

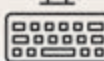
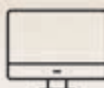
Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar os artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

### SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do e-mail [Editor@ADF-Magazine.com](mailto:Editor@ADF-Magazine.com). Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:

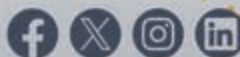
Headquarters, U.S. Africa Command  
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff  
Unit 29951  
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command  
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff  
Kelley Kaserne  
Geb 3315, Zimmer 53  
Plieninger Strasse 289  
70567 Stuttgart, Germany



### ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



### FIQUE LIGADO

Se quiser manter-se ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn, ou inscreva-se na nossa lista de e-mails na nossa página da internet, [ADF-Magazine.com](http://ADF-Magazine.com), ou envie um e-mail para [News@ADF-Magazine.com](mailto:News@ADF-Magazine.com)